



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Diana Teles Novo Cameira de Sousa

**Vitimação Múltipla em mulheres
vítimas de Violência Conjugal:
O cruzamento de experiências
relatado na primeira pessoa.**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Diana Teles Novo Cameira de Sousa

**Vitimação Múltipla em mulheres
vítimas de Violência Conjugal:
O cruzamento de experiências
relatado na primeira pessoa.**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Carla Machado
e da
Professora Doutora Paula Cristina Martins

Junho de 2011

DECLARAÇÃO
RELATIVA AO DEPÓSITO DA DISSERTAÇÃO NO REPOSITORIUM

Nome: Diana Teles Novo Cameira de Sousa

Endereço Electrónico: a48990@alunos.uminho.pt

Número do Bilhete de Identidade: 13377040

Título da Tese de Mestrado:

Vitimação Múltipla em mulheres vítimas de Violência Conjugal: o cruzamento de experiências relatado na primeira pessoa.

Orientadoras:

Professora Doutora Carla Maria Penousal Martins Machado

Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins

Ano de conclusão: 2011

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia – Área de Especialização em Psicologia da Justiça

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 17/06/2011

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e porque esta dissertação é, acima de tudo, uma dedicatória, à Professora Doutora Carla Machado, pela inspiração, pela valorização e incentivo, e pela viagem numa ambição sem limites, cuja falta significou profundo desamparo e descrença neste percurso. Hoje, concretizados (quase) todos os objectivos a que nos propusemos, é, primeiramente, dela, onde quer que esteja, que espero a maior aprovação.

À Professora Doutora Paula Cristina Martins, pelo “acordar”, pelo apoio precioso na reflexão e definição de limites e objectivos concretos, e, principalmente, pela confiança no potencial deste *pequeno* projecto de investigação.

A todas as participantes deste estudo, uma a uma, pela generosidade no partilhar das suas histórias; sem elas, nada disto seria possível.

Ao GAF, e particularmente à Doutora Leandra Rodrigues, pela disponibilidade e apoio na constituição desta amostra de mulheres.

Às minhas colegas de curso, “promovidas” a Amigas ao longo destes cinco anos: Ana, Joana, Margarida, Tânia, Sofia, Susana. Obrigado pela partilha constante de angústias e, principalmente, de muitas e muitas alegrias.

E, por fim, os primeiros. Aos meus pais, por toda esta oportunidade de crescimento e enriquecimento, de valor inestimável. Ao Filipe, pelo apoio, confiança e amor incondicionais. A toda a minha família, pelo incentivo e crença inabalável no meu potencial. Muito, muito obrigado!

VITIMAÇÃO MÚLTIPLA EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA CONJUGAL: O CRUZAMENTO DE EXPERIÊNCIAS RELATADO NA PRIMEIRA PESSOA

RESUMO

Os efeitos da ocorrência de diferentes tipos de vitimação na vida de mulheres vítimas de violência conjugal são pouco conhecidos, apesar de haver evidências de que a exposição a múltiplos tipos de violência tem uma expressão não negligenciável.

Neste estudo, procurou-se explorar a existência de outras formas de vitimação nos itinerários de vida destas mulheres, caracterizar os fatores de risco e proteção envolvidos na vitimação múltipla e compreender os processos de construção de sentido das vítimas e o papel desempenhado pelos significados atribuídos na ocorrência deste fenómeno. Para isso, constituiu-se uma amostra de conveniência de oito mulheres, com idades compreendidas entre os 33 e os 52 anos, que foram, ou ainda são, vítimas de violência conjugal. A recolha de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas, posteriormente analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo.

Como principais resultados obtidos, verificou-se a prevalência de casos com história de vitimação múltipla (seis em oito), quer numa lógica diacrónica (ocorrência consecutiva de diferentes tipos de vitimação), quer numa lógica sincrónica (coocorrência de diferentes tipos de vitimação num determinado momento). Salientam-se a ausência de suporte social e a precariedade económica como fatores de vulnerabilidade para a vitimação destas mulheres. Pelo contrário, condições para um suporte social presente e uma situação económica estável dotam as mulheres de recursos para lidar mais eficazmente com situações abusivas e evitar a revitimação. Quanto à significação como fator influente neste fenómeno, verificou-se que atribuições internas e estáveis para as causas das experiências adversas, assim como a legitimação/desvalorização do uso da violência, envolvem estas mulheres numa situação de desânimo aprendido, acomodando-se à vitimação como parte integrante das suas vidas, o que constitui um fator de vulnerabilidade acrescida para a sua ocorrência. Já a elaboração bem-sucedida de significado perante experiências negativas e a recuperação da auto-estima atuam como fatores-chave para o enveredar por um *script* de vida alternativo.

Palavras-chave: Vitimação conjugal, Vitimação Múltipla, Significação

MULTIPLE VICTIMIZATION IN WOMEN VICTIMS OF MARITAL VIOLENCE: THE INTERSECTION OF EXPERIENCES REPORTED IN FIRST-PERSON

ABSTRACT

The effects of the occurrence of different types of victimization in the lives of women victims of domestic violence are largely unknown, although there is evidence that exposure to multiple types of violence has a not negligible expression.

This study attempted to explore the existence of other forms of victimization in the itineraries of these women's lives, to characterize the risk and protective factors involved in multiple victimization and understand the processes of meaning construction of victims, and the role of meanings in the occurrence of this phenomenon. To do this, it was constituted a convenience sample of eight women, aged between 33 and 52, who were or still are victims of marital violence. Data collection was done through semi-structured interviews, which were then analyzed using the technique of content analysis.

As main results, it was found a prevalence of cases with a history of multiple victimization (six out of eight), either in a diachronic logic (consecutive occurrence of different types of victimization), or in a synchronous logic (co-occurrence of different types of victimization in a given time). Most notable are the lack of social support and economic precariousness as vulnerability factors for the victimization of these women. Instead, conditions for a present social support and a stable economic situation endow women the resources to escape from abusive situations, and for the avoidance of revictimization. As to the significance as an influential factor in this phenomenon, it was found that internal and stable attributions for the causes of adverse experiences, as well as legitimating / decreasing the use of violence, involve these women in a state of learned helplessness, settling victimization as part of their lives, which is a factor of increased vulnerability to its occurrence. The successful development of meaning towards negative experiences and the recovery of self-esteem act as key factors to embark on an alternative life script.

Keywords: Marital Victimization, Multiple Victimization, Significance

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 10 |
| 1. O fenômeno da Vitimação Múltipla entre mulheres vítimas de Violência Conjugal | 10 |
| 2. Fatores objetivos de Risco e de Proteção para a Vitimação Múltipla | 11 |
| 2.1. Família, Pares e Vitimação na Infância como Preditores por Excelência | 16 |
| 3. Fatores subjetivos de risco e proteção para a Vitimação Múltipla: a significação individual das experiências de vitimação | 22 |
| ESTUDO EMPÍRICO | 26 |
| 1. Objetivos | 26 |
| 2. Seleção e Caracterização da Amostra | 26 |
| 3. Procedimentos de Recolha de Dados, Técnicas e Instrumentos | 27 |
| 4. Procedimentos de Análise dos Dados: Análise de Conteúdo | 28 |
| 5. Descrição dos Dados | 29 |
| DISCUSSÃO | 39 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 42 |
| ANEXOS | 45 |

ÍNDICE DE TABELAS

Quadro I - Informação Socio-demográfica das participantes

27

INTRODUÇÃO

Num estudo da Organização Mundial de Saúde, entre mulheres que tiveram pelo menos um parceiro ao longo da sua vida, a prevalência de vitimação física, durante a vida, por um parceiro íntimo, situa-se entre os 13%, no Japão, e os 61%, no Perú, sendo esta percentagem variável consoante o local (Olsen, Parra & Bennet, 2010). “Isto sugere que a violência física contra as mulheres, em relações íntimas, é um fenómeno mundial, (...)”, quase equiparado a uma epidemia, podendo “... as taxas de violência serem influenciadas por factores socio-culturais” (Olsen, Parra & Bennet, 2010, p.412). Estes dados alimentam a crescente relevância que o tema tem ganho na realidade social e no seu estudo, inclusive na procura da relação entre a vitimação por violência conjugal e outros tipos de vitimação na vida das mulheres que a experienciam. Neste sentido, em muitos estudos recentes sobre a temática, é recorrente a referência à necessidade de mais investigação acerca da complexidade das experiências traumáticas nas vidas das mulheres, incluindo a ocorrência e co-ocorrência de várias formas de violência interpessoal, e os efeitos negativos acumulados de múltiplos tipos de vitimação ao longo da vida (Banyard, Williams, & Siegel, 2001; McGuigan & Middlemiss, 2005; Slep & Heyman, 2001; Turner & Lloyd, 1995; citado por Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008).

O crescente interesse pela problemática, aliado a esta necessidade, manifestada por vários autores, de uma maior exploração do fenómeno da vitimação múltipla na vida das mulheres, constituem as principais motivações desta investigação, pretendendo-se, com ela, dar um pequeno contributo para o trabalho que está a ser desenvolvido na área, neste momento. A possibilidade de este trabalho se inserir num projecto de investigação de âmbito mais alargado, dentro da problemática da vitimação das mulheres, constituiu, também, uma das motivações iniciais na escolha do tema. Este projecto, concebido pela Professora Doutora Carla Machado, pretende colectar histórias de vida de mulheres vítimas de violência conjugal, pautadas por múltiplas experiências de vitimação, em diferentes contextos, assim como o impacto sofrido e as estratégias de *coping* adoptadas pelas mesmas para fazer face a essa vitimação constante. Nele, este estudo, mais pequeno e focalizado, centrado na análise dos discursos dessas mulheres, nomeadamente quanto à presença/ausência de experiências de vitimação sucessivas ou concomitantes, nos diferentes contextos da sua vida, quanto aos factores de risco que podem estar envolvidos quer ao nível desse acumular de experiências, quer ao nível do impacto e dos significados atribuídos pelas mulheres a essa vitimação múltipla, constituindo, esta significação, também um factor potencialmente influente na dinâmica de vitimação múltipla. Apresentando-se como um aliado neste propósito, o local de estágio em Psicologia da Justiça – o Gabinete de Apoio à Família de Viana do Castelo - foi o denominador que faltava para compor a pertinência do estudo deste tema, facilitando o

acesso à população em análise – mulheres vítimas de violência conjugal – e salientando o potencial interesse desta investigação para a prática.

Assim, a presente dissertação organiza-se em duas partes fundamentais: uma primeira exposição teórica da investigação que tem sido realizada, acerca do tema, a nível nacional e internacional, e, numa segunda parte, a descrição do estudo empírico e seus resultados.

No que respeita à primeira parte, nela é feita uma revisão da literatura quanto ao fenómeno da vitimação múltipla na vida de mulheres, abordando, nomeadamente, os contornos da definição deste conceito, assim como o estado da arte da investigação neste domínio. Segue-se uma análise dos factores de risco e de protecção que, quer isoladamente, quer em interacção, têm sido apontados pela literatura como contribuintes para a ocorrência e co-ocorrência de diferentes experiências de vitimação na vida das mulheres. Para além destes factores mais objectivos, é abordada a forma como as significções que as mulheres elaboram perante essas experiências podem assumir o papel de mais um factor de risco ou de protecção, no caso de carácter subjectivo, para a vitimação múltipla ao longo das suas vidas.

Na segunda parte, é descrito o plano de investigação delineado, incluindo a definição dos objetivos do estudo, os procedimentos de selecção da amostra e de construção do instrumento de recolha de dados. Seguidamente, são descritos os procedimentos de análise dos dados, e é feita a apresentação e discussão dos mesmos, comparando-os com os dados revistos na análise prévia da literatura da especialidade. Por fim, é apresentada uma reflexão final sobre o trabalho desenvolvido, sumariando as principais conclusões alcançadas, assim como as limitações mais salientes na elaboração do estudo, sugerindo novas direcções para futuras investigações, assim como propostas de melhoria a considerar na prática.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O fenómeno da Vitimação Múltipla entre mulheres vítimas de Violência Conjugal

A ocorrência de diferentes experiências de vitimação na vida das mulheres vítimas de violência conjugal é um fenómeno quase não estudado, até agora, em Portugal. Conhecemos a dinâmica e prevalência de vários tipos de vitimação em contextos específicos (violência por familiares, violência por um parceiro íntimo, violência entre pares, exclusão social) ou por formas de violência singulares (maus tratos físicos, verbais ou psicológicos, agressão sexual, discriminação, etc.), porém não conhecemos a realidade do cruzamento destes diferentes tipos de vitimação e formas de violência num determinado momento da vida das mulheres (sincrónica), ou da sua ocorrência consecutiva ao longo do tempo, em diferentes etapas da sua vida (diacrónica), que constituem duas formas da vitimação múltipla explorada neste estudo.

Mesmo a nível mundial, pouco é conhecido sobre os efeitos de diversos tipos de vitimação nestas mulheres, presumivelmente por a vitimação múltipla ser considerada incomum (Linares, 2004), embora haja evidência de que a exposição a violência em idade precoce tem graves consequências a nível psicológico (Linares, 2004), que podem tornar vulneráveis os percursos das mulheres que a ela estiveram sujeitas, colocando-as em risco de mais vitimação, a vários níveis. Tal como afirma Kennedy (2007), baseado em estudos de Haber e Toro (2004), Kennedy (2006), e Saunders (2003), relativamente poucos estudos têm examinado a exposição cumulativa à violência na comunidade, família e relações íntimas, apesar de haver evidência de que a exposição a múltiplos tipos de violência é mais comum do que é entendido à partida. A América do Norte é, indubitavelmente, a região do planeta que estuda este tema há mais tempo, quer através de inquéritos de larga escala, quer mediante amostras mais específicas (Machado & Dias, 2010). “Um estudo do *World Report on Violence and Health*, que recolhe informação de 38 países, sugere taxas de prevalência de vitimação ao longo da vida, entre mulheres, que oscilam entre os 10% e os 67%” (World Health Organization, 2002, citado por Machado & Dias, 2010, p. 28). Na Europa, as taxas de vitimação ao longo da vida também parecem ser bastante altas, situando-se entre os 10% e os 50% (Machado & Dias, 2008, citado por Machado & Dias, 2010). No entanto, como Machado e Dias (2010, pp. 28) recomendam, “devemos olhar com cuidado para estes números, uma vez que estes estudos variam substancialmente quanto ao tipo de amostras que utilizam, âmbito, tamanho da amostra, tipos de violência considerados, intervalos de tempo abrangidos, e métodos de recolha de dados”.

De entre os estudos que analisaram este fenómeno, Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, e Williamson (2004), explorando o *background* das mulheres da sua amostra, puderam constatar a evidência da intersecção de um conjunto de factores associados a uma história de vida pautada pela vitimação múltipla: a maioria (61,7%) era negra ou afro-americana e 23,2% eram hispânicas ou latinas; 44,8% tinham estado em abrigos ao longo da sua vida, por não terem um lugar regular onde ficar; mais de 30%

experienciou abuso físico ou sexual antes dos 18 anos; aproximadamente 15% experienciou violência física nos últimos 6 meses; 40% usou drogas ou álcool ou ambos nos últimos 6 meses, e 30% teve parceiros que também o fizeram; quase 45% estava em alto risco de ter problemas de saúde mental; e, numa escala de 1-5, em que 5 é um suporte social sempre disponível, o valor médio foi de 4.1. Estes resultados assemelham-se aos de Linares (2004), confirmando que, entre as mulheres atendidas em clínicas públicas, a vitimação múltipla é uma ocorrência comum, chegando aos 30-46% das mesmas, com a vitimação precoce a servir de factor de risco principal para a vitimação adulta.

Analisando este fenómeno de uma perspectiva ecológica, as experiências de vitimação num determinado domínio da vida da mulher, tal como, por exemplo, o microsistema família, parecem afectar o funcionamento noutros domínios, tais como o sistema comunitário e a relação íntima (Kennedy, 2007), e contribuir para um padrão repetido de vitimação ao longo da vida, ou num determinado momento desta.

2. Factores objetivos de Risco e de Protecção para a Vitimação Múltipla

Sabe-se que poucos estudos examinaram diferentes factores para entender a sua importância relativa na vitimização múltipla das mulheres, factores esses que podem estar associados ao aumento do risco, ou à protecção do mesmo, apesar de ser precisamente essa a informação necessária para apoiar a prevenção efectiva e os esforços para a intervenção na violência (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004). Ainda assim, compilam-se, de seguida, resultados de alguns estudos já realizados na área, procurando perceber quais os factores actuantes, quer isoladamente, quer em simultâneo, no fenómeno da vitimação múltipla de mulheres vítimas de violência conjugal. Conhecer o conjunto destes factores pode proporcionar uma visão ampla das características mais comuns entre mulheres que sofrem diferentes tipos de vitimação, constituindo, muitas vezes, eles próprios, fontes dessa mesma vitimação.

Características sócio-demográficas, tais como o nível sócio-económico, a etnia, a condição de imigrante e o estado civil têm sido vistas, por vários estudos, como sendo potenciadoras de risco para a vitimação múltipla nas mulheres (Linares, 2004). O facto de uma pessoa ser mulher, jovem, de uma etnia minoritária, ter menos educação, pertencer a um nível socio-económico baixo, estar desempregada ou apresentar alguma limitação a nível físico ou mental, constituindo, por si só, fontes de exclusão social, aumentam, ainda, o risco de vitimação a diversos níveis (Acierno, Resnick, & Kilpatrick, 1997; Black et al., 2001; Cohen, Forte, Du Mont, Hyman, & Romans, 2006; Field & Caetano, 2004; Forte, Cohen, Du Mont, Hyman, & Romans, 2005; Schumacher, Feldbau-Kohn, Slep, & Heyman, 2001; Schumacher, Slep, & Heyman, 2001; citado por Daigneault, Hébert, & McDuff, 2009).

Abordando o factor Pobreza em particular, estudos revisitados por Sokoloff e Dupont (2006) afirmam que esta tem sido correlacionada com altas taxas de violência doméstica severa e letal; que uma maioria de mulheres sem-abrigo foram, pelo menos uma vez, vítimas de violência doméstica; que a vitimação pode

impedir, significativamente, as mulheres de manterem os seus empregos por causa do assédio do agressor, ou devido às consequências mentais e físicas da violência; e que, no momento de abandonar uma relação abusiva, a necessidade de um espaço ou de uma casa sustentável constituem barreiras significativas. Estes resultados evidenciam o poder do factor de risco Pobreza para a ocorrência de mais vitimação, para além da existente em contexto conjugal, em muitos casos, nomeadamente pelo facto de limitar as mulheres na libertação da violência, e nas oportunidades a nível profissional e social que são, por isso, incapazes de aproveitar. Assim como, muitas vezes, se verifica o inverso, sendo a violência também um factor de risco para o empobrecimento, estabelecendo-se entre estes dois factores uma relação bidireccional.

Com uma presença, na literatura da área, mais antiga e vasta do que todos os factores isolados já referidos, vários estudos apontam o Género como um factor importante, quase determinante, na propensão para experienciar diferentes situações de vitimação, sendo as mulheres o género mais dominado pelo risco. No que respeita à vitimação por violência doméstica, e segundo Tjaden e Thoennes (2000), o centro de investigação *National Violence Against Women* sugere que as mulheres têm consideravelmente mais probabilidades do que os homens de serem vítimas deste crime por parte dos seus parceiros, indicando que 25% das mulheres, comparando com apenas 8% dos homens, já experienciaram violência doméstica, e que 1,5 milhões de mulheres nos Estados Unidos experienciam violência doméstica anualmente (Tjaden & Thoennes, 2000, citado por Vidales, 2010). O mesmo centro de investigação revelou que 7,7% das mulheres e 0,3% dos homens relataram ter sido violados, e 22,1% das mulheres e 7,4% dos homens relataram ter sido agredidos fisicamente (Tjaden & Thoennes, 2000, citado por Renner & Whitney, 2009), comprovando uma maior vulnerabilidade feminina para serem vítimas de crimes de grande impacto contra as pessoas, sofrendo grandes consequências físicas e psicológicas, como confirma Linares (2004). Dobash and Dobash (1979), Field and Caetano (2005), Torres (1987) e Walker (1984) vão mais longe, afirmando que qualquer mulher, em detrimento da sua idade, religião, educação, ocupação, condição económica ou história étnica e racial, pode ser vítima de violência (citado por Vidales, 2010). No campo da violência sexual, Kennedy (2007) concluiu que as estudantes femininas do seu estudo tinham mais probabilidade de serem vitimizadas, uma vez que aproximadamente um quarto destas estudantes relataram pelo menos uma tentativa de agressão sexual e mais de uma em dez afirmou ter sido sexualmente agredida na sua comunidade.

No entanto, alguns estudos têm suportado resultados de que as mulheres agredem tanto ou mais do que os homens, sustentando uma simetria (prevalência quase equivalente de taxas de perpetração e vitimação de actos violentos) entre os géneros (Straus & Gelles, 1990; Umberson et al., 1998; Fiebert, 2004; Archer, 2000; citado por Renner & Whitney, 2009). Contudo, as formas de violência mútua ou bidireccional mais estudadas por estes pesquisadores têm sido referidas como "violência comum" ou "violência situacional" e diferem da forma unidireccional de violência (identificada como "terrorismo

patriarcal"), que mais provavelmente envolve uma intensa e padronizada dominação e abuso masculinos perpetrados contra o sexo feminino, envolvendo níveis elevados de controlo por parte do perpetrador (Johnson 1995, 2005; Johnson & Ferraro 2000; Johnson & Leone 2005; citado por Renner & Whitney, 2009).

Porém, e apesar da vasta investigação que corrobora estes dados, as perspectivas teóricas que estudam os grupos minoritários têm vindo a desafiar cada vez mais a visão feminista de que a desigualdade de género é o único e primário factor determinante da violência contra as mulheres (Sokoloff & Dupont, 2006). De facto, a ideia de uma experiência de género unificada deve ser desconstruída e a multiplicidade das experiências femininas deve ser reconhecida (Yllo, 2005), percebendo-se, ao mesmo tempo, que há outras estruturas de dominação, baseadas na raça, classe, idade, etc. (citado por Machado & Dias, 2010).

Factores como ter dois ou mais parceiros sexuais em vez de apenas um, apresentar um risco maior de problemas de saúde mental, e relatar um suporte social pobre, foram identificados como fatores preditores da vitimização física de mulheres, num estudo de follow-up de Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, e Williamson (2004), com 810 mulheres socialmente excluídas. Segundo os mesmos autores, estes resultados sugerem que há factores de risco que, juntos, acentuam ainda mais a propensão destas mulheres para a vitimação a vários níveis, fortalecendo o seu papel no risco prospectivo e persistência de violência nas vidas destas mulheres.

O factor Imigração é analisado, num estudo de Linares (2004) com mulheres socialmente excluídas, como sendo um potenciador de risco, uma vez que pode desfazer laços familiares e comunitários, tornando as mulheres mais isoladas socialmente e, por isso, mais vulneráveis perante a falta de suporte social; dado este que é corroborado por outros estudos (e.g., Turney & Harknett, 2009), notando-se, assim, o poder acrescido destes dois factores de risco (Imigração e Exclusão Social) em interacção. Para além disto, Linares (2004) identificou correlações entre características socio-demográficas que afectam o risco de vitimação múltipla, tais como o facto de uma mulher ser solteira e, simultâneamente, de uma etnia hispânica ou afro-americana, facto que, segundo os resultados deste estudo, a coloca em maior risco de vitimação múltipla, incluindo experiências de maus tratos infantis, vitimação sexual ao longo da vida, e violência conjugal actual.

Focando a análise no factor Estado Civil, alguns estudos constataram que mulheres, mães, em união de facto ou separadas têm um menor suporte instrumental disponível do que as casadas (Turney & Harknett, 2009), podendo este factor actuar no sentido dos resultados de outros estudos, que concluíram que as taxas de vitimação entre mulheres separadas são expressamente maiores do que as das casadas (Bachman e Saltzman 1995; Greenfeld et al. 1998; Rennison 2001; Rennison e Rand 2003; citado por Renner &

Whitney, 2009). Quando comparadas com mulheres casadas, também as divorciadas e as viúvas têm uma maior frequência de experiências de vitimação (Hazen et al., 2004; citado por Renner & Whitney, 2009).

Por outro lado, elevadas taxas de revitimização na idade adulta, por mulheres já vitimizadas na infância, foram associadas com altos níveis de desemprego e uma maior mobilidade residencial, (Frank, Turner & Stewart, 1980; Miller et al., 1978; citado por Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson & Moorey, 2001). De facto, também num estudo de Turney e Harknett (2009), características sócio-económicas, tais como o emprego e a casa própria, estão positivamente associados com o suporte instrumental percebido por mulheres que são mães pela primeira vez; assim, mulheres, mães, mais velhas, tendo um menor suporte disponível, estão mais susceptíveis a experienciar isolamento social e conseqüente propensão para situações de vitimação. Para além de estes estudos sugerirem que a desigualdade económica feminina é um factor significativo na manutenção do ciclo da violência contra as mulheres (Mejivar & Salcido 2002; Moore 1997; citado por Vidales, 2010), o risco é aumentando encontrando-se, as mesmas, no contexto de sistemas legais que discriminam e falham na sua protecção, estruturas económicas que lhes tiram poder e sistemas culturais que, na sua essência, institucionalizam a violência (Vidales, 2010). Entre essas instituições, a Polícia tem sido uma das apontadas, segundo Vidales (2010), por exemplo por Rivera (1994), que defende que a atitude da polícia em resposta às queixas de violência contra as mulheres constitui, para além de uma forma de violência em si, um obstáculo à mudança efectiva, especialmente para mulheres pobres e de cor, que dependem do sector público para as ajudar, experienciando, na sua condição, a interacção de todos estes factores em prol da vitimação que experienciam. Como exemplo disso, a noção de vitimação múltipla ganha forma em casos como os analisados no estudo de Stueve e O'Donnell (2008), que se foca na existência de relações violentas na vida de jovens afro-americanas e latinas, que cresceram em alguns dos bairros mais desfavorecidos de Nova Iorque, durante um período em que os índices de violência na comunidade estavam em alta (Division of Criminal Justice Services, 2007; citado por Stueve & O'Donnell, 2008). À medida que foram entrando na idade adulta, muitas dessas jovens permaneceram no bairro onde sempre viveram, onde podem ter o suporte da família, mas onde as suas perspectivas são moldadas por uma habitação restrita, a falta de bons empregos e uma educação superior limitada (Schafer, Caetano, & Clark, 1998; US Department of Justice, 2007; Burton, Allison, & Obeidallah, 1995; citado por Stueve & O'Donnell, 2008). Ora, de acordo com os resultados do estudo, mulheres jovens nestes ambientes desafiadores estavam muito mais vulneráveis a serem mães antes dos vinte e um anos e a criar os seus filhos sozinhas (Guttman Institute, 2007, citado por Stueve & O'Donnell, 2008), enfrentando factores de risco individuais, familiares, comunitários e estruturais, todos interrelacionados (Hampton, Oliver, & Magarian, 2003; Kasturirangan, Krishnan, & Riger, 2004; citado por Stueve & O'Donnell, 2008).

A noção de interseccionalidade é essencial na compreensão deste fenómeno de interacção de diversos factores na vida das mulheres que levam à sua vitimação em diferentes contextos e momentos da sua vida. Isto porque, embora a vitimação das mulheres ocorra, na maioria dos casos, na vida individual de cada uma, e seja experienciada como um evento pessoal, é, no entanto, um evento “culturalmente produzido pela intersecção de relações entre o género, a etnia, a classe social...” (Feltey, 2001, p. 365, citado por Sokoloff & Dupont, 2006, p. 1). De acordo com a perspectiva de interseccionalidade, introduzida por Crenshaw (1994), a componente traumática da vitimação por Violência Doméstica é amplificada por mais e diferente vitimação fora da relação íntima, incluindo experiências de discriminação e opressão (citado por Bograd, 2006). Segundo Bograd (2006), estes sistemas opressores operam independentemente ou simultaneamente, e as dinâmicas de cada um podem exacerbar e compor as consequências de outro. No entanto, muitas teorias sobre a violência doméstica não abordam essas intersecções: “com excepção da desigualdade de género, as outras dimensões sociais são normalmente definidas como *stressores*, em vez de factores-chave explicativos da violência, e é prestada uma atenção primária a dinâmicas intrapsíquicas, interpessoais ou intrafamiliares” (Bograd, 2006, p. 27), não considerando que a desigualdade de género, por si só, é modificada pela sua intersecção com outros sistemas de poder e opressão. A própria experiência de vitimação numa relação íntima e as respostas que a mulher desenvolve “são necessariamente diferentes se compararmos uma mulher branca, trabalhadora, de classe média, sem filhos, com uma emigrante negra, desempregada, que é mãe de cinco crianças” (Machado & Dias, 2010, p. 23). Segundo a consideração de Vidales (2010) acerca das experiências de mulheres mexicanas, a organização social da pobreza e da educação, do casamento e da família, da etnia e dos valores culturais, combina formas de criar obstáculos distintos para as mulheres de etnias minoritárias, que tentam abandonar situações abusivas, sendo a intersecção de todos estes factores que molda as suas escolhas, consoante uma série de constrangimentos, e, subsequentemente, molda também as suas experiências. Deste modo, a noção de interseccionalidade ajuda a analisar as hierarquias de bloqueio que estruturam as vidas de mulheres afectadas pela pobreza, pela exclusão social e pela vitimação, e as muitas estruturas de controlo a que estão sujeitas (Josephson, 2006). Já a noção de acúmulo, num sentido diacrónico da vitimação, em diferentes contextos e em momentos distintos, sugere uma acumulação de risco que se propaga de *vitimação em vitimação*, sendo que uma experiência de vitimação num determinado domínio, num determinado momento, aumenta o risco de vitimação da mulher num outro domínio, num momento subsequente da sua vida. Desta forma, dá-se a acumulação de um conjunto de factores de risco predisponentes para a vitimação. Esta abordagem pode ser melhor compreendida através do CAT – Cumulative Adversity and Trauma, que se refere ao fenómeno em que a exposição a um conjunto de adversidades faz crescer a probabilidade de outras experiências negativas, cujos efeitos se sobrepõem e funcionam como um acúmulo para o impacto na saúde mental das mulheres (Pearlin, 1999, citado por

Samuels-Dennis, Ford-Gilboe, Wilk, Avison, & Ray, 2010). De acordo com este conceito de acumulação de risco, os resultados de alguns estudos mostram, não só a forma como a vitimação aumenta a presença de problemas de saúde mental, mas também como isto está associado à diminuição de recursos de protecção nas mulheres, tais como a auto-estima e o suporte social, que são tidos como redutores significativos da ansiedade e das suas consequências (Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008).

Constituindo um resultado de todos os *stressores* analisados até agora, que interagem nas vidas de muitas mulheres vítimas, as condutas de risco e os consumos funcionam, simultaneamente, como um escape e como um potenciador de mais vitimação. Num dos poucos estudos longitudinais sobre a violência contra as mulheres, a análise da associação de problemas com o uso de substâncias e a vitimação por abuso sexual suporta uma relação bidireccional, em que o uso de drogas aumenta o risco de vitimação, e a vitimação aumenta o risco de futuro abuso de álcool e uso de drogas (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004), talvez por os comportamentos e défices característicos da vitimação e dos consumos aumentarem a vulnerabilidade da pessoa. Em outras análises, Stueve e O'Donnell (2008) comprovaram que o uso precoce de substâncias ilícitas é um factor de risco significativo para o subsequente envolvimento das mulheres em relações abusivas, e Heise et al. (1994) concluíram que o uso de álcool é também um forte preditor para tal (citado por Vidales, 2010). Isto justifica-se pelo facto de problemas com álcool ou drogas ilícitas poderem aumentar a exposição a ambientes perigosos e, portanto, aumentar a vulnerabilidade das mulheres para a vitimação, constituindo, assim, factores de vitimação indirecta (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004), que entram em acção assim que interagem com outros.

Perante situações como estas, e na presença de uma ameaça crónica de violência interpessoal, sentimentos de confiança, partilha de valores, e o cuidado mútuo, embora num sentido amplo, reduzem o medo de vitimação e podem preparar as mulheres para enfrentar o perigo externo (Linares, 2004). Desta forma, a percepção de suporte social e instrumental actua como um importante factor protector da vitimação múltipla entre as mulheres. Factores sócio-económicos, como a educação e o rendimento, são conquistas alta e positivamente correlacionadas com a recepção de suporte (Turney & Harknett, 2009). Além disso, e partindo de um estudo em que foram examinados auto-relatos de mulheres acerca da relação com os vizinhos, a reciprocidade, a coesão social, e as relações sociais foram salientadas como factores potencialmente protetores na diminuição das consequências de uma exposição passada e presente a diversas experiências de vitimação e, conseqüentemente, na diminuição do risco de mais vitimação (Linares, 2004).

2.1. Família, Pares e Vitimação na Infância como Preditores por Excelência

“Longe de ser uma fonte de suporte, a família pode ser percebida como uma potencial ameaça à auto-imagem da pessoa“ (Chiu, 2004, p.158, citado por Machado & Dias, 2010). Neste sentido, o facto de a

vitimação na infância, nomeadamente no ambiente familiar, ser tão significativa no entendimento prospectivo da violência contra as mulheres é concordante com os resultados de um largo corpo de investigação na área (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004), sendo considerado o seu preditor mais forte e consistente. Segundo Banyard, Williams, Saunders, e Fitzgerald (2008), são muitos os estudos que documentam a frequente ocorrência de vitimação por maus tratos infantis (e.g., Briere & Runtz, 1990; Mullen, Martin, Anderson, Romans, & Herbison, 1996) e a revitimização de sobreviventes daqueles maus tratos na idade adulta (e.g., Classen, Palesh, & Aggarwal, 2005; Roodman & Clum, 2001; Seedat, Stein, & Forde, 2005). Em estudos revisitados por Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson e Moorey (2001), como por exemplo os de Fergusson, Horwood, e Lynskey (1997) e Wyatt, Guthrie, e Notgrass (1992), os dados revelam que mulheres que foram vítimas em crianças têm relatado mais do que uma forma de vitimação ao longo da vida, e que vítimas de abuso sexual na infância têm de duas a onze vezes mais probabilidades de serem vítimas de violação na idade adulta, vendo esse risco exponencialmente aumentado com a severidade do abuso. Num estudo de Hall (2000), que examinou os efeitos dos maus tratos infantis em vários aspectos do funcionamento adulto, verificou-se uma dificuldade geral em encontrar e manter um emprego significativo entre 20 mulheres urbanas de baixos rendimentos com histórias de abuso na infância (citado por Zielinski, 2009). Desta forma, os maus tratos estavam associados a efeitos negativos no rendimento futuro das vítimas. No mesmo estudo, mulheres que tinham sido vítimas de abuso físico tinham 60% mais probabilidade de estar abaixo do limiar da pobreza, e aquelas com histórias de abuso físico ou múltiplos tipos de maus tratos encontravam-se, respectivamente, em 140% e 190% maior risco de desemprego (Zielinski, 2009). Segundo Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson, e Moorey (2001), estes resultados repetem-se em estudos realizados em sociedades tão diferentes como o México, EUA, Inglaterra e Alemanha (e.g., Urquiza e colaboradores, 1994; Krahe, Scheinberger, Waizenhofer, & Kolpin, 1999; Jankowski, Leitenberg, Henning, & Coffey, 2002), o que parece ser indicativo da magnitude que este problema representa a nível mundial (Rivera-Rivera, Allen, Chávez-Ayala, & Ávila-Burgos, 2006).

De facto, para as mulheres, os maus tratos na infância, e muito especialmente o abuso sexual, têm estado associados, em muitos estudos, com o aumento do risco para a futura vitimação interpessoal (Draucker, 1997). De acordo com Draucker (1997), a vasta maioria dos estudos empíricos recentes evidenciam que a agressão sexual na idade adulta, no seguimento do abuso sexual na infância, ocorre em diversas populações de mulheres, e que este último aumenta o risco de vitimação sexual na adolescência e idade adulta, incluindo violação e agressão sexual por um parceiro íntimo (e.g., Black, Heyman, & Slep, 2001; Coid et al., 2001; Fergusson, Horwood, & Lynskey, 1997; Maker, Kimmelmeier, & Peterson, 2001; Merrill et al., 1999; Noll, Horowitz, Bonanno, Trickett, & Putnam, 2003; Stermac, Reist, Addison, & Millar, 2002; Tyler, Hoyt, & Whitbeck, 2000; Zanarini et al., 1999), incluindo experiências posteriores

de abuso físico e sexual (e.g., Elliot & Briere, 1993; McCord, 1985; Russel, 1986), espancamento (e.g., Briere, 1984), experiências sexuais não consentidas (e.g., Fromuth, 1986) e violação marital (e.g., Shields & Hanneke, 1988). Desta forma, confirma-se que as experiências de abuso sexual não ocorrem isoladamente: num estudo de Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson e Moorey (2001), mulheres que tinham sofrido abuso sexual na infância tinham mais probabilidades de experienciar formas de actividade sexual não consentida ao longo da vida, e a ocorrência de qualquer uma destas experiências aumentou o risco para posteriores experiências de maus tratos físicos.

Para compreender esta tendência de revitimização, alguns autores explicam que a sexualização inapropriada de uma criança a pode colocar em risco de enveredar por trajectórias de vida que incluem comportamentos de risco e uma alta probabilidade de contactar com situações e ambientes que aumentam o risco para outras situações traumáticas, tais como a agressão sexual na idade adulta. Na sua amostra de mulheres, Browning & Lauman (1997) elencaram no que chamaram “características do percurso sexual e experiências sexuais adversas” (Browning & Lauman, 1997, p. 553; cited in Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008) como “incluindo gravidez precoce, elevados números de parceiros sexuais, infecção por doenças sexualmente transmissíveis e experiência de sexo forçado em adolescente ou adulto, mediando a relação entre o abuso sexual na infância, o bem-estar psicológico em adulto e as consequências do seu funcionamento sexual na idade adulta” (Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008, p. 395). Segundo Messman-Moore, Walsh, e DiLillo (2010), em muitos outros estudos (e.g., Krahé, Sheinberger-Olwig, Waizenhöfer, & Kolpin, 1999; Orcutt et al., 2005), o comportamento sexual mediou a relação entre o abuso sexual na infância e a revitimização na idade adulta, pois pode aumentar a vulnerabilidade das vítimas através do envolvimento em actividades de alto risco, tais como o abuso de substâncias e a prostituição, além de o abuso sexual na infância diminuir a confiança de um adolescente ou adulto na sua capacidade de gerir relações amorosas, delapidando ainda mais a sua percepção de auto-competência em relacionamentos íntimos, correndo o risco de sofrer mais vitimação (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004).

No entanto, tem vindo a ser constatado que o abuso sexual, por si só, pode não ser um factor de predisposição específico e único; actua, sim, como uma das muitas experiências de abuso na infância que tendem a aumentar a vulnerabilidade das vítimas para várias formas de revitimização na idade adulta (Sanders & Moore, 1999, citado por Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson & Moorey, 2001), havendo a necessidade de descentrar aquela experiência de vitimação como preditor primário da revitimização. Para além disso, as definições de experiências de abuso sexual e o seu grau de severidade diferem consideravelmente de estudo para estudo (Wyatt, Guthrie, e Notgrass, 1992, citado por Coid, Petruckevitch, Feder, Chung, Richardson & Moorey, 2001). Isto, aliado ao pequeno tamanho das amostras, tem enfraquecido as conclusões que podem surgir de alguns estudos sobre a temática.

Um factor mais abrangente, que inclui não só possíveis experiências de abuso sexual, mas também uma série de outras experiências adversas que, uma vez presentes na infância e adolescência de uma mulher, podem ter consequências na sua revitimação em vários momentos posteriores da sua vida, engloba a família e a parentalidade que, segundo a literatura, têm um papel fundamental nesta tendência. O acesso a variáveis que expliquem as ligações entre as experiências traumáticas na infância e a revitimação na idade adulta pode ser conseguido através de adaptações do Modelo Ecológico de Bronfenbrenner (Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008). Segundo este modelo, o comportamento individual não pode ser compreendido à parte de outros níveis de variáveis que o influenciam, que vão desde características intra-individuais, incluindo a personalidade ou o microsistema de configurações do processamento cognitivo que rodeia o indivíduo, como, por exemplo, o ambiente familiar, até níveis maiores de influência, que incluem o acesso aos recursos da comunidade ou a forma como as normas sociais mais abrangentes podem colocar o indivíduo em risco de vivenciar certas experiências (Banyard, Williams, Saunders, & Fitzgerald, 2008). Num estudo de Salzinger et al. (2006), citado por Kennedy (2007), o facto de uma jovem ser vitimizada na família, facto que cria um ambiente aversivo dentro de casa, pode colocá-la em risco de futura vitimação na sua comunidade, promovendo o seu envolvimento com pares desviantes e uma menor supervisão nessas suas novas relações. Segundo os autores, os resultados deste estudo ilustram um princípio fundamental da perspectiva ecológica, na medida em que as experiências das jovens e os papéis que lhes são atribuídos (como “vítima de abuso”), assim como as relações dentro de um contexto (o microsistema familiar), estão associados às suas experiências dentro de um sistema comunitário mais amplo, com os riscos de um em interação com os riscos do outro (Kennedy, 2007). Neste sentido, o testemunhar da violência física dentro da família ou ser fisicamente abusada por um progenitor ou cuidador pode interferir no processamento de informação social da mulher, na sua regulação emocional e no desenvolvimento de expectativas saudáveis e realistas sobre as relações; estas dificuldades, acompanhadas do entendimento da violência como aceitável, podem contribuir para o conflito e violência em relações íntimas iniciadas na adolescência (Ehrensaft et al. 2003, citado por Kennedy, 2007).

Vale a pena referir que “muitos aspectos da relação dos jovens com os seus pares podem ser vistos como mediadores entre as influências familiares e as características pessoais do indivíduo, que podem levar à vitimação posterior” (Olsen, Parra & Bennet, 2010, p. 418). Os pares podem ter uma forte influência nas relações íntimas estabelecidas durante a adolescência, enquanto as influências familiares na infância podem ter um papel mais significativo durante a vida adulta, período em que as relações íntimas se assemelham mais às relações testemunhadas na família (Collins, 2003; Furman & Wehner, 1994, citado por Olsen, Parra & Bennet, 2010).

Outro modelo explicativo que tem sido utilizado para examinar as complexas relações entre a vitimação na infância e as suas consequências negativas posteriores, incluindo a revitimização, é a modelagem (Draucker, 1997). Sugerido por Draucker (1997), o estudo de Elliot e Briere (1993), usou esta abordagem para explicar as relações entre a vitimação na infância, a qualidade do ambiente familiar, a retraumatização na idade adulta, e uma série de medidas do funcionamento global actual numa amostra de 2,953 mulheres profissionais. Baseando-se nos resultados obtidos nesse estudo, Draucker (1997) salienta, em primeiro lugar, que o ambiente familiar estava relacionado com o abuso de substâncias por parte dos pais, abuso físico na infância e abuso sexual; em segundo lugar, constata que o abuso físico e sexual na infância estava relacionado com agressão sexual na idade adulta; e, por último, afirma que uma série de índices de funcionamento global actual (ansiedade, baixa satisfação com a vida, várias separações em relações interpessoais) estavam diferencialmente associadas às várias combinações das variáveis preditoras acima citadas. O mesmo autor, em concordância com os resultados deste estudo, cita outros, como o de Wyatt, Newcomb e Riederle (1993), que concluíram que mulheres que foram severamente abusadas na infância e que relataram menor proximidade na sua família de origem tinham maior probabilidade de serem vitimizadas ao longo da sua vida. Aqui, a Teoria da Aprendizagem Social pode explicar a tendência para a repetição do comportamento experienciado ou testemunhado anteriormente, como sendo esse o único aprendido e validado, através da existência, sustentada por Olsen, Parra e Bennet (2010) de uma considerável sobreposição da actuação do Processamento de Informação Social (Crick & Dodge, 1994) e da Aprendizagem Social (Bandura, 1973, 1977). Os autores defendem que há uma ligação conceptual entre a aprendizagem de opções de resposta e a posterior construção da resposta, assim como entre a aprendizagem das consequências da resposta e a posterior decisão acerca da resposta a pôr em prática, podendo esta decisão mediar a ligação entre o testemunhar violência interparental e o posterior envolvimento em relações íntimas violentas (Olsen, Parra & Bennet, 2010). No seguimento desta mesma ideia, Draucker (1997) refere um estudo de Farmer (1989), que identificou oito padrões de interacção familiar problemáticos: negação, inconsistência e imprevisibilidade, falta de empatia, falta de vínculos definidos, inversão de papéis, um sistema familiar fechado, comunicação incongruente e ausência ou excesso de conflito. Segundo o autor, qualquer uma destas dinâmicas pode levar à disrupção do desenvolvimento da capacidade da criança para formar relações interpessoais saudáveis e o estabelecimento de relações abusivas subseqüentes pode ser um dos resultados dessa disrupção (Draucker, 1997).

A Teoria da Vinculação, na medida em que aborda as expectativas das crianças acerca da disponibilidade e responsividade dos adultos, desenvolvidas na infância, através de interacções entre a criança e as suas figuras de cuidado primárias (Liem & Boudewyn, 1999), é uma aliada na compreensão do fenómeno da revitimização. Segundo esta teoria, essas expectativas mantêm-se ao longo da vida

através de modelos do *self* na relação com os outros que, por sua vez, podem influenciar tanto a construção de novas relações, como a capacidade de lidar com as exigências de situações novas e adversas no futuro (Aber & Allen, 1987; Bowlby, 1980; Main & Westen, 1982; Sroufe & Fleeson, 1986; citado por Liem & Boudewyn, 1999). Uma vez que os modelos internos de funcionamento incluem componentes afectivas e cognitivas (Bretherton, 1985, citado por Liem & Boudewyn, 1999), estes regem a forma como a informação interpessoal é percebida, determinam que afectos são experienciados e de que forma são regulados, seleccionam as memórias que são evocadas e medeiam os comportamentos com os outros em relações significativas (Alexander, 1992, citado por Liem & Boudewyn, 1999). Um exemplo desta dinâmica é o caso de indivíduos ansiosos, que mostram propensão para um envolvimento ansioso em relações íntimas, e tendem, por isso, a apaixonar-se com facilidade e a experienciar separações e reconciliações com frequência. Este padrão de comportamento, muito provavelmente, aumenta o número de parceiros íntimos de um indivíduo, um factor que está associado ao experienciar de vitimação sexual (Flanagan e Furman, 2000, citado por Young & Furman, 2007). Esta situação pode ser facilmente aplicada às vidas de mulheres com diferentes experiências de vitimação que, uma vez testemunhas ou vítimas de um ambiente familiar aversivo, na infância, desenvolvem estilos de comportamento desajustados e ansiosos, que as direccionam para a procura, dependente, sem critério, de relações íntimas que colmatem a falta de resposta emocional que pautou a sua infância.

Tendo em conta a vasta evidência que detém nestes estudos, sugere-se que a violência na família de origem abre caminho para outros factores mediadores de violência em futuras relações de intimidade. Neste sentido, a violência na família de origem seria um factor de risco distante que, directamente ligado a outros factores mediadores mais próximos, contribui para a perpetuação de experiências de vitimação na vida das mulheres (Ehrensaft et al., 2003; Kinsfogel & Grych, 2004; McCloskey & Lichter, 2003; O’Keefe, 1998; Wolfe, Wekerle, Reitzel-Jaffe, & Lefebvre, 1998; citado por Olsen, Parra & Bennet, 2010). Acima de tudo, sabe-se que “a família desempenha um papel central na forma como as mulheres lidam com a vitimação, especialmente para mulheres imigrantes, que estão distanciadas de outras fontes de suporte e enfrentam vários obstáculos que lhes dificultam o acesso à ajuda formal” (Machado & Dias, 2010, p. 35). Nestes casos, a família pode ser tanto uma fonte de apoio, como de pressão, considerando que, muitas vezes, as mulheres de grupos minoritários, que põem fim à relação abusiva, enfrentam a desaprovação da família e da comunidade e ficam numa situação de total isolamento (Machado & Dias, 2010).

3. Fatores subjetivos de risco e proteção para a Vitimação Múltipla: a significação individual das experiências de vitimação

Na reflexão acerca dos significados que as mulheres atribuem às suas experiências como um factor, menos concreto, mas de extrema relevância na tendência para a repetição da vitimação, a vários níveis, nas suas vidas, é oportuno referir o conceito construcionista da Narrativa, como princípio organizador central da identidade dos indivíduos (Henriques, 2000, p. 142, citado por Fonte, 2006). No seu entender, o indivíduo não é considerado um mero processador de informação, mas antes um constructor activo de significados (Gonçalves, 1998, p. 257, citado por Fonte, 2006), que “organizam os acontecimentos e as acções humanas numa totalidade” (Polkinghorne, 1988; Sarbin, 1986; citado por Fonte, 2006). O enfoque construcionista social entende cada sujeito como o construtor da sua própria realidade, algo que nunca ocorre de forma isolada, mas inserido numa rede de relações, dentro do contexto social a que aquele pertence (Machado, 2004). Importa, aqui, lembrar que os factores emocionais inerentes às experiências de cada um interferem na memória dos acontecimentos, distorcendo-os ou actuando selectivamente sobre a sua retenção e recordação (Gonçalves & Machado, 1999), no processo de elaboração das narrativas de cada um. Segundo Bruner (1986, citado por Correia, 2003), a narrativa é o ponto onde se encontram o self e o mundo social, e, assim, explorar a narrativa de cada um, tendo em conta o contexto em que é construída, é explorar o modo de raciocínio do indivíduo. Aplicando os princípios analíticos da perspectiva narrativa aos discursos das mulheres que experienciam vitimação múltipla, pode afirmar-se que aqueles sofrem influências das experiências de vitimação, das dinâmicas em que ocorrem, das interacções que as pautam, e dos pensamentos e sentimentos nelas experienciados, todos eles contribuindo para a significação que aquelas lhes atribuem, e com as quais constroem a sua realidade. “Sendo as narrativas os processos essenciais de construção de significados, é possível assumir-se que diferentes formas de significação podem corresponder a diferentes narrativas protótipo” (Gonçalves & Machado, 1999, p. 1185), que se tornam “*scripts* aos quais o indivíduo tem que se referir continuamente no esforço de encontrar coerência e identidade nas suas experiências” (Gonçalves e Machado, 1999, p. 1185). Neste sentido, entende-se por *scripts* “planos estabilizados que podem ser invocados ou utilizados constantemente para determinar papéis e acções dos indivíduos” (Salces, 2005, p.97). Assim, a tendência da vitimação múltipla na vida das mulheres pode ser assumida como um *script* adoptado pelas mesmas, na sua “verdade narrativa” (Fonte, 2006, p. 126), que as enreda num continuum de experiências abusivas, uma vez que, nessa sua significação da realidade, este é o único roteiro de vida que conhece. No caso das mulheres sujeitas a vitimação múltipla, o significado atribuído à vitimação pode passar pela culpabilização própria, em muitos dos casos: à medida que experienciam violência severa em todos os domínios da sua vida, as mulheres podem começar a culpabilizar-se pelas suas experiências, uma vez que se sentem incapazes de as parar (Finkelhor et al. 2007, citado por Kennedy, 2007). A sua percepção de si próprias em

relação à exposição cumulativa a violência que experienciam pode ser, então, bastante fatalista, com implicações extremamente negativas para o seu desenvolvimento, muito provavelmente pautado pela consecutiva revitimização (Bronfenbrenner 1979, citado por Kennedy, 2007).

Segundo esta análise, parece existir uma tendência, nestas mulheres, para assumirem o *papel de vítima*, nos significados que atribuem às suas vivências e nas respostas que lhes devolvem, intensificadoras da sua já vulnerável condição. De acordo com os resultados de estudos em que se verificou uma associação positiva forte entre o abuso sexual dentro e fora da família e a vitimização posterior, considera-se que “raparigas sexualmente abusadas podem aprender que são impotentes e desprotegidas, olhando para a invasão sexual inapropriada e não consentida que sofreram, e que não há segurança nem dentro nem fora da sua casa” (Wyatt et al., 1993, p. 124-125, citado por Draucker, 1997, p.409). Aos olhos de quem os vê de fora, estes casos parecem enquadrar-se nas chamadas profecias que se auto-cumprem. Estas profecias têm sido ligadas, historicamente, a problemas sociais, em virtude da sua tendência para contribuir para (em vez de melhorar) desigualdades sociais, e para aumentar (em vez de reduzir) a discriminação e as políticas discriminatórias (Willard, Madon, Guyll, Spoth, & Jussim, 2008). Segundo Willard, Madon, Guyll, Spoth, e Jussim (2008), mesmo estando já estabelecido que a ocorrência natural dos efeitos de profecias que se auto-cumprem é modesta, em termos da sua magnitude, há condições nas quais tais efeitos podem ser relativamente poderosos. Os mesmos autores referem, também, que os seus efeitos negativos são mais poderosos do que os positivos quando crenças desfavoráveis provocam um comportamento confirmatório, em maior peso e medida, do que as crenças favoráveis. Um exemplo onde isto se aplica é no desamparo aprendido que, segundo Orava, McLeod, e Sharpe (1996) é um conceito introduzido por Seligman (1975), que se refere à percepção de uma mulher vítima de que não tem controlo para pôr fim ao ciclo de vitimação, por causa da experiência de não contingência entre as suas acções e os resultados que obtém. Como resultado desse desamparo aprendido, ela renuncia a esforços para mudar as suas circunstâncias, conformando-se, o que torna difícil desenredá-la desse mesmo ciclo (Walker, 1979, citado por Orava, McLeod, & Sharpe, 1996). Tal como sugerem Orava, McLeod, e Sharpe (1996), segundo o Modelo do Desamparo Aprendido reformulado por Abramson et al. (1978), os indivíduos fazem atribuições causais passíveis de análise em três dimensões ortogonais: interna vs externa, estável vs instável, global vs específica, afectando o seu grau de auto-estima, a cronicidade e a generalidade do desamparo. Segundo os mesmos autores, Strube (1988), no seguimento desta proposta, sugere que atribuições internas, estáveis e globais, que aumentam a severidade do desamparo aprendido, podem caracterizar mulheres que se mantêm em situações de vitimação repetida (Orava, McLeod, & Sharpe, 1996). De facto, o défice cognitivo da Teoria do Desamparo Aprendido postula que haverá uma dificuldade na aprendizagem de que as respostas e os seus resultados são contingentes após uma exposição repetida à não contingência (Seligman, 1975, citado por Orava, McLeod, e Sharpe, 1996), na vida destas

mulheres. Além disso, há alguma evidência, apesar de inconclusiva, de que mulheres vítimas com um *locus* de controlo externo têm percepções mais baixas de controlo do que mulheres vítimas com um *locus* de controlo interno, o que mantém as primeiras nessa repetida dinâmica de acomodação ao seu *papel de vítima*. Mais uma vez evocando a Teoria da Vinculação, alguém com representações internas de si como sendo mau, indigno, ou incapaz pode ser mais provável de tolerar maus tratos nas mãos dos outros; assim como, esse mesmo alguém, tendo representações dos outros como sendo abusivos, hostis e rejeitantes, pode ter menos probabilidades de considerar os maus tratos por parte dos outros como não aceitáveis, e não fazendo parte do leque de experiências humanas comuns (Liem & Boudewyn, 1999). Nestes casos, acções perigosas e de ameaça frequentes da parte da figura de vinculação tendem, paradoxalmente, a aumentar a persistência do comportamento dependente por parte da vítima. De acordo com Liem e Boudewyn (1999), Weiss (1982) corroborou esta ideia, notando “um paralelo entre crianças agredidas e adultos abusados que se agarram às suas relações mesmo depois da qualidade das mesmas se ter deteriorado, e o amor se ter misturado com ameaças, rejeição e dor” (Liem & Boudewyn, 1999, p. 1154).

No entanto, e como já foi referido, “as narrativas só têm existência num processo interpessoal de construção discursiva e, como tal, são inseparáveis do contexto cultural onde ocorrem” (Gonçalves, 1998, p. 23; citado por Fonte, 2006). De facto, a construção de significados “não pode ser desligada dos significados culturais e históricos veiculados nas narrativas em que nascemos, nos desenvolvemos, e que ordenam as nossas relações, as nossas práticas e os contextos das nossas interações” (Fernandes, 2001, p. 44; citado por Fonte, 2006), estruturando o processo de significação de cada um numa estreita ligação com os significados sociais e culturais em que se insere. De acordo com Vidales (2010), esta dinâmica está evidenciada num estudo de Torres (1991) que, comparando mulheres brancas com mulheres mexicanas, ambas vítimas, verificou que, entre os dois grupos, havia mais semelhanças do que diferenças, olhando para as circunstâncias da vitimação; no entanto, as mulheres brancas tendiam a interpretar mais comportamentos como sendo abusivos e apresentavam-se mais intolerantes à vitimação do que as mulheres imigrantes. Aqui, a cultura não desempenha apenas um papel importante na explicação das causas da violência e da sua aceitação social. “O papel da cultura estende-se à forma como as vítimas experienciam e lidam com as agressões de que são alvo, às suas estratégias de coping e opções de resposta” (Machado & Dias, 2010, p. 33). A legitimação do uso da violência, assim como os papéis tradicionais de género, actuam, também, como factores influentes na significação atribuída pelas mulheres às situações que experienciam, constituindo valores e crenças veiculados social e culturalmente. Num estudo de Malik et al. (1997), revisitado por Olsen, Parra e Bennet (2010), os autores concluíram que atitudes pessoais, por parte das mulheres, que vêem o uso da violência como legítimo, serviram como um preditor único para a vitimação múltipla (Olsen, Parra & Bennet, 2010). Da mesma forma, num estudo de Sugarman e Frankel (1996), mulheres vítimas evidenciavam ter uma identidade de género feminino

tradicional mais marcada, apresentando significados atribuídos legitimadores da sobreposição masculina e da passividade feminina, e sendo menos capazes de pôr fim à vitimação. Neste sentido, as mesmas mulheres podem passar a acreditar que a violência é “parte do ser mulher”, tal como sugeriu Koss (1990, citado por Draucker, 1997). De facto, a cultura, como um esquema e uma fonte de valores, molda as crenças dos indivíduos acerca das causas das situações, do carácter aceitável ou inaceitável dos comportamentos, e dos cursos de acção a seguir perante estes (Coll & Magnuson, 2000). Molda, acima de tudo, os significados que os indivíduos atribuem àquilo que lhes acontece na vida, significados esses que, por sua vez, irão moldar as suas decisões e os passos que darão em seguida.

No entanto, sabe-se que existe uma fórmula para contrariar o efeito poderoso da relação entre o impacto e os significados atribuídos na fomentação de profecias que se auto-cumprem, sucessivamente, na vida destas mulheres. Segundo Draucker (1997), baseando-se na ideia de Taylor (1983), a procura bem-sucedida de significado nas experiências negativas, o reestabelecimento de um sentido de mestria no seguimento dessas mesmas experiências e a recuperação da auto-estima nelas perdida, facilitam a adaptação a eventos de vida adversos. A agência de um indivíduo, como sendo um recurso pessoal que representa a capacidade da pessoa de atribuir significado às suas circunstâncias de vida, fazendo escolhas significativas, e a sua capacidade de aderir a atitudes que criam mudança pessoal (Bandura, 2001; Benight & Bandura, 2004; Samuels-Dennis et al., 2009; citado por Samuels-Dennis, Ford-Gilboe, Wilk, Avison, & Ray, 2010), tem recebido suporte teórico de que representa um processo, assim como um resultado, nestas situações de vida (Bandura, 2001, citado por Samuels-Dennis, Ford-Gilboe, Wilk, Avison, & Ray, 2010). Estes autores propõem que, de entre as várias dimensões da agência humana, nenhuma é mais central do que as crenças de uma pessoa na sua eficácia em dirigir o seu próprio funcionamento e em exercer controlo sobre os eventos que afectam as suas vidas (Samuels-Dennis, Ford-Gilboe, Wilk, Avison, & Ray, 2010), sendo, neste sentido, que esta dimensão actua na quebra da tendência de revitimização. Para além destes factores, e com base nos resultados do estudo de Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, e Williamson (2004), um maior suporte social também parece, mais uma vez, proteger contra o experienciar de mais violência, uma vez que a percepção deste indica que as mulheres terão recursos disponíveis para enfrentar as adversidades (Turney & Harknett, 2009), algo que lhes possibilita uma percepção de maior segurança e controlo sobre as circunstâncias das suas vidas.

ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos

Da análise feita da literatura nacional e estrangeira, podemos concluir que “a incapacidade de avaliar plenamente uma ampla gama de experiências de vitimização de mulheres em alto risco pode resultar numa sobrestimativa dos efeitos de um único tipo de vitimização...” (a nível conjugal) “..., entre mulheres que, para além disso, experienciaram uma vitimização múltipla” (Linares, 2004, p. 364). Constituindo uma contribuição para ultrapassar esta lacuna, o presente estudo pretende: 1) explorar a ocorrência de diferentes tipos de vitimação nas vidas de mulheres que também são vítimas de violência conjugal; 2) identificar os factores de risco presentes nesse cruzamento de experiências de vitimação; e 3) perceber de que forma estas mulheres identificam e atribuem significado às experiências de vitimação que protagonizaram, ao seu papel nas mesmas, bem como aos factores de risco identificados.

2. Seleção e Caracterização da Amostra

Para responder a estas questões, procedeu-se a uma amostragem intencional, de conveniência, constituindo um grupo de estudo de mulheres, tendo em conta um único critério de inclusão - terem sido ou serem ainda vítimas de violência conjugal.

A amostra foi recolhida a partir do GAF – Gabinete de Atendimento à Família, em Viana do Castelo, uma IPSS que, além de outras funções, atende, acompanha e acolhe (numa Casa Abrigo), mulheres vítimas de violência. Foi nesta instituição que se realizou o estágio curricular em Psicologia da Justiça, um facto que facilitou o apoio por parte desta entidade na realização da recolha dos dados para a presente investigação.

Assim, a amostra final é constituída por oito mulheres, com idades compreendidas entre os 33 e os 52 anos, sendo a média de idades de 43,75 anos. Metade das participantes (quatro) era casada, encontrando-se as restantes quatro divorciadas. No que respeita à profissão, a grande maioria desempenhava funções não-qualificadas, e metade das participantes encontravam-se desempregadas. Relativamente ao nível de escolaridade, uma participante possuía o Bacharelato, três concluíram o 12º ano, uma tinha o 10º ano, outra tinha o 9º ano, e duas estudaram até ao 6º ano. Algumas das participantes eram residentes na Casa Abrigo do GAF e outras eram utentes que usufruíam dos serviços do Núcleo de Atendimento a Vítimas, na instituição referida. O Quadro 1 discrimina, em maior pormenor, as características sócio-demográficas da amostra.

| Participante | Idade | Escolaridade | Profissão | Situação Profissional | Estado Civil |
|---------------------|--------------|---------------------|---|------------------------------|---------------------|
| 1 | 49 anos | 12º Ano | Administrativa Auxiliar de Educação | Desempregada | Divorciada |
| 2 | 52 anos | 12º Ano | Empregada de Limpeza Cuidadora de Idosos | Empregada | Divorciada |
| 3 | 36 anos | 6º Ano | Doméstica | Desempregada | Divorciada |
| 4 | 49 anos | 12º Ano | Empregada de Balcão | Empregada | Casada |
| 5 | 45 anos | 6º Ano | Peixeira Cuidadora de Idosos | Desempregada | Casada |
| 6 | 36 anos | 9º Ano | Empregada de Hotelaria/ Restauração | Desempregada | Casada |
| 7 | 33 anos | 10º Ano | Ajudante de Limpeza | Empregada | Casada |
| 8 | 50 anos | Bacharelato | Professora | Empregada | Divorciada |

Quadro 1: Informação Socio-demográfica das participantes

3. Procedimentos de Recolha de Dados, Técnicas e Instrumentos

A recolha dos dados foi feita de 27 de Abril a 16 de Maio de 2011. A técnica de entrevista, como “forma de interacção social (...), por meio da qual os actores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca” (Flick, 2002; Jovechlovitch & Bauer, 2002; citado por Fraser & Gondim, 2004, p. 139), apresentou-se como a mais adequada para atingir o objectivo pretendido por este estudo, de aceder às condições, experiências e percepções das participantes. A entrevista foi feita individualmente com cada participante, num gabinete cedido pelo GAF, e gravada em áudio, para ser, posteriormente, transcrita e analisada. Cada participante foi, primeiramente, informada acerca do objectivo do estudo, do carácter confidencial e anónimo da entrevista, e da necessidade de gravação, por todas consentida. A duração das entrevistas foi variável, oscilando, no tempo total, entre vinte e cinco minutos e uma hora e quarenta minutos.

De entre os diferentes tipos de entrevista disponíveis para a investigação qualitativa, optou-se por uma entrevista semi-estruturada, construída especificamente para os propósitos deste estudo. Este tipo de entrevista permite que “o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno de um objecto perspectivado” (Ruquoy, 1997, p. 87); porém, sendo esse objecto perspectivado pelo investigador, este método assume, simultaneamente, uma dimensão de orientação, na medida em que o entrevistador focaliza o discurso do entrevistado de acordo com a informação de que precisa para atingir o seu objectivo.

Tal como o método exige, foi construído um guião, no qual constam os pontos-chave a explorar, sendo que foi a partir desses pontos que se estruturou toda a entrevista, consoante a informação que as participantes foram fornecendo.

Assim, o guião da entrevista (anexo X) é constituído por três partes: Questões Factuais, Questões acerca das Experiências de Vitimação, e Questões acerca do Impacto e da Significação.

A primeira parte consta de trinta e cinco questões e visa aceder às características sócio-demográficas das participantes, podendo estas, segundo a literatura (e.g., Daigneault, Hébert, & McDuff, 2009; Renner & Whitney, 2009; Stueve & O'Donnell, 2008; Machado & Dias, 2010; Turney & Harknett, 2009; Linares, 2004; Samuels-Dennis et al., 2010; Wenzel et al., 2004; Vidales, 2010; Sokoloff & Dupont, 2006; Banyard et al., 2008), representar factores de risco ou de protecção para a ocorrência de diferentes tipos de vitimação nas suas vidas.

A segunda parte, com cinco grupos de questões, cada um com vinte e duas perguntas, foca-se em explorar a presença/ausência de experiências de vitimação em diferentes contextos das vidas das participantes, tais como as Relações Familiares, Relações com Pares, Relações de Intimidade, Relações Profissionais, assim como perceber as suas causas, desenvolvimento, e consequências, uma vez que, como já foi referido na revisão feita da literatura, autores informam que, “relativamente poucos estudos têm examinado a exposição cumulativa à violência na comunidade, família e relações íntimas, apesar de haver evidência de que a exposição a múltiplos tipos de violência é mais comum do que é entendido à partida” (Kennedy, 2007, p. 26); ou seja, tal como é sugerido por grande parte da literatura da área, mulheres vítimas num determinado contexto da sua vida, têm maior probabilidade de sê-lo, também, noutros contextos. Inclui ainda uma dimensão mais abrangente de vitimação a nível estrutural, incluindo experiências de discriminação, exclusão, e injustiça, uma vez que, de acordo com a perspectiva de interseccionalidade, introduzida por Crenshaw (1994), previamente analisada, a componente traumática da vitimação por violência doméstica é amplificada por mais e diferente vitimação fora da relação íntima, incluindo experiências de discriminação e opressão (citado por Bograd, 2006).

Por último, a terceira parte do guião contém quatorze questões acerca do impacto causado pela ocorrência ou co-ocorrência de diferentes tipos de vitimação no percurso dos sujeitos, e os significados que estes lhes atribuem, tentando explorar, também, quais as consequências desse impacto e dessa significação nos diferentes contextos das suas vidas e na ocorrência de mais vitimação, sendo estes dois factores possíveis potenciadores de risco (e.g., Linares, 2004; Wenzel et al., 2004; Samuels-Dennis et al., 2010; Young & Furman, 2007; Banyard et al., 2008; Kennedy, 2007; Vidales, 2010; Machado & Dias, 2010; Olsen, Parra & Bennet, 2010).

4. Procedimentos de Análise dos Dados: Análise de Conteúdo

Atendendo aos objectivos do presente estudo e à dimensão da amostra, optou-se pelo tratamento dos dados segundo o método qualitativo, que permite obter informação mais detalhada sobre algumas dimensões dos indivíduos normalmente difíceis de aceder através de métodos quantitativos, sendo capaz

de alcançar “a personalidade, as motivações e as atitudes” (Vala, 1989, p. 101) dos inquiridos, algo essencial para o propósito de aceder ao impacto e aos significados atribuídos pelas mulheres às suas experiências, através dos seus discursos. Para isso, a técnica utilizada, dentro da metodologia qualitativa, foi a análise de conteúdo que, excluindo a quantificação dos dados, permite “uma descrição objectiva, sistemática, (...)” (Berelson, 1952, citado por Vala, 1989, p. 103), e extensível “...a todo o comportamento simbólico” (Cartwright, 1953, citado por Vala, 1989, p. 103). Além disso, o facto de permitir “fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (Krippendorff, 1980, citado por Vala, 1989, p. 103) constitui um recurso muito útil aos objectivos deste estudo, uma vez que se pretende compreender os factores que contribuem para e resultam da ocorrência ou co-ocorrência de diferentes experiências de vitimação na vida das mulheres.

5. Descrição dos Dados

Do processo de análise de conteúdo dos dados recolhidos, combinando uma categorização indutiva e dedutiva, construiu-se uma Grelha de Categorias (Anexo 2) que contém duas categorias principais: (i) *Tipo de Vitimação Múltipla* e (ii) *Fatores influentes na Vitimação Múltipla*, sendo que cada uma delas engloba outras duas grandes categorias.

Dentro da categoria *Tipo de Vitimação Múltipla* encontram-se as categorias (i) *Vitimação Múltipla Sincrónica*, que representa a coocorrência de experiências de vitimação em diferentes contextos num mesmo período de tempo, e (ii) *Vitimação Múltipla Diacrónica*, que representa a presença de experiências de vitimação em diferentes contextos e em momentos distintos, ao longo da vida das participantes. A primeira abrange cinco subcategorias, que representam a ocorrência consecutiva de experiências de vitimação (i) *a nível familiar*, referindo-se á vitimação na relação com os pais, irmãos e familiares próximos, na infância e na adolescência; (ii) *na relação com pares*, que abrange a vitimação no contacto com colegas e amigos; (iii) *a nível conjugal*, que se refere á violência nas relações íntimas; (iv) *a nível profissional*, centrada na vitimação no local de trabalho, por parte de superiores; e (v) *a nível estrutural/social*, que se refere a vitimação numa lógica mais abrangente, como, por exemplo, discriminação, exclusão, injustiça. A *Vitimação Múltipla Sincrónica* engloba quatro subcategorias, correspondentes á ocorrência simultânea de experiências de vitimação nos domínios já referidos: (i) *a nível conjugal e familiar*, (ii) *a nível conjugal e na relação com pares*, (iii) *a nível conjugal e profissional*, e (iv) *a nível conjugal e estrutural/social*.

Por sua vez, a categoria *Fatores influentes na Vitimação Múltipla* abrange, também, outras duas grandes categorias: (i) *Fatores Objectivos* e (ii) *Fatores Subjetivos*. Designam-se por *fatores objectivos* aqueles que são explicitamente referidos pelos inquiridos como aspetos influentes na vitimação múltipla, e por *fatores subjetivos* aqueles que são inferidos dos mesmos, centrados nos processos de pensamento e de

construção de significado subjacentes aos relatos dos participantes. A categoria *Fatores Objetivos* abarca duas subcategorias: (i) *fatores de risco*, que representa as condições que contribuem para a existência e manutenção da vitimação múltipla, e (ii) *fatores de proteção*, representativa dos fatores que protegem as mulheres da mesma ou que concorrem para minorar o seu impacto ou persistência. Estas subcategorias, por sua vez, também se ramificam em outras subcategorias. No caso da subcategoria *fatores de risco*, esta engloba outras nove subcategorias: (i) *instabilidade residencial*, (ii) *emigração/imigração*, (iii) *precariedade económica*, (iv) *emprego precário/desemprego*, (v) *inexistência de amizades*, (vi) *problemas de saúde*, (vii) *divórcio*, (viii) *educação e ambiente familiar desfavoráveis*, (ix) *estratégias de confronto desfavoráveis*. De entre estas, as subcategorias *problemas de saúde*, *educação e ambiente familiar desfavoráveis*, e *estratégias de confronto desfavoráveis* também se subdividem. A primeira abarca problemas de saúde *física e mental*; a segunda engloba as subcategorias *papéis tradicionais de género e más relações familiares*; e a terceira subdivide-se em estratégias de confronto *reativas e passivas*. Da subcategoria *fatores de proteção* emergiram cinco subcategorias: (i) *estabilidade residencial*, (ii) *assistência social*, (iii) *existência de amizades*, (iv) *educação e ambiente familiar favoráveis*, e (v) *estratégias de confronto favoráveis*. Destas últimas, também algumas se subdividem, sendo que dentro da subcategoria *educação e ambiente familiar favoráveis* encontram-se as *boas relações familiares e transmissão de bons exemplos de conduta*, e inseridas na subcategoria *estratégias de confronto favoráveis* estão, também, estratégias *reativas e passivas*. No que diz respeito à categoria *Fatores Subjetivos*, nela enquadram-se os significados atribuídos pelas participantes às experiências que viveram, inferidos dos seus relatos. Deste modo, esta categoria engloba a subcategoria *Significação*, da qual emergem outras três subcategorias: (i) *atribuições causais*, feitas pelas participantes para justificar o que lhes aconteceu, (ii) *legitimação/desvalorização do uso da violência*, e o (iii) *impacto* que identificam como resultante das experiências por que passaram. A primeira subcategoria destas últimas, por sua vez, subdivide-se em atribuições *internas*, inerentes ao indivíduo, *externas*, devidas a outros fatores exteriores a si próprio, *estáveis*, que não são modificáveis, e *instáveis*, suscetíveis de mudança. Por fim, a subcategoria *impacto* engloba a perceção que as participantes têm do efeito das experiências por que passaram *na sua forma de agir/relacionar-se e na forma como veem o mundo/as relações com os outros*.

No processo de categorização das entrevistas, optou-se por utilizar como unidade de registo as *frases* utilizadas pelas participantes nos seus auto-relatos, sendo a unidade de contexto em que estas se inserem as *respostas* dadas às perguntas colocadas.

Focando a análise, primeiramente, na categoria *Vitimação Múltipla*, constata-se que, na amostra de oito mulheres, seis evidenciaram experiências de vitimação múltipla na sua vida. As mesmas seis

participantes vivenciaram essa vitimação múltipla numa lógica *diacrónica*, sendo que três delas também a experienciaram, num determinado momento da sua vida, numa lógica *sincrónica*.

A vitimação múltipla *diacrónica* verificou-se, num dos seis casos referidos, em todos os contextos de vida da participante, de forma consecutiva em diferentes momentos: nas relações com familiares

“ (...) a minha mãe foi chamar o meu pai, e pra resolver o assunto deu-me uma, uma valente porrada.”

, nas relações com pares

“Eu fui agredida na outra cidade também por uma amiga. Ela ganhou-me muito ódio, e eu quase nunca falei para aquela mulher. Em plena sala de formação espancou-me toda.”

, a nível conjugal

“Psicológica, muita tortura psicológica. Armas encostadas á cabeça, apertava-me o pescoço, simulava mesmo que me matava.”

, a nível profissional

“Senti-me humilhada, (...) desci de auxiliar de educação pra serviços gerais, embora tivesse como auxiliar de educação na minha categoria profissional. Tirou-me de trabalhar com o ATL, portanto, eu não estava em comunicação com ninguém. É assim, (...), quando as salas estavam vazias para ser trabalhadas é que eu ia lá. Nunca podia estar com colegas.”

, e a nível estrutural/social

“Que ainda é a minha casa e eu nunca mais pude lá entrar, e tenho lá as minhas coisas, é uma injustiça enorme. Sinto-me injustiçada também por aí. Acho que nós não temos apoio...Acho que eles é que deviam ser os penalizados. Eles é que deviam ter o concerto, não somos nós.”

Nos cinco casos restantes manifestou-se em dois a quatro dos contextos de vida pré-definidos: uma mulher foi vítima na *relação com familiares*, na *relação com pares*, em contexto *conjugal* e *profissional*; outra sofreu vitimação a nível *conjugal* e *profissional*; uma terceira foi vitimizada na *relação com familiares*, na *relação com pares*, em contexto *conjugal* e a nível *estrutural/social*; noutro caso, a vitimação foi a nível *conjugal* e *estrutural/social*; e a última participante foi vítima a nível *familiar*, *conjugal* e *profissional*.

No que respeita à vitimação múltipla *sincrónica*, esta evidenciou-se, nos três casos referidos, no relato de coocorrência de experiências de vitimação a nível *conjugal* e a outros três níveis: a nível *familiar*, conjugando-se a vitimação por parte do marido com a falta de apoio e violência verbal por parte dos pais

“Até porque o meu pai já me humilhava. Em discussões com ele, tomava o partido dele, porque ele ia desabafar pra ele e pra minha mãe. Em vez de resolver o problema entre nós, não, ia...e o meu pai chegou-me a chamar filha da...”

, e com a vitimação por parte do irmão, com quem coabitava

“E com o mais velho é que é um bocado menos boa. Esse mora lá em casa, porque além de um pouco do marido, foi mais por parte dele sim, que resolvi sair. (...) Que ele batia na minha mãe, chegou a bater no meu pai, batia no outro meu irmão, em mim.”

; a nível profissional, numa situação em que a vitimação por parte do cônjuge teve influência na sua forma de estar no trabalho, aliada á manipulação de uma superior

“A encarregada encostou-me entre a espada e a parede. (...) Eu não andava muito bem não, e depois já lá em casa, às vezes, o marido e assim a chatear, e eu transtornada (...)”

; e na relação com pares, conjugando a perseguição por parte do marido e a agressão física de que foi alvo por parte de uma colega de turma

“ (...) senti vários problemas na minha vida e tão depressa que tive que abandonar a cidade. Porque fui agredida, passado um tempo o meu ex. descobre onde eu estou, soube que ele sabia, e eu tive que sair da cidade. Parece que houve ali interferência, alguém que lhe pagou pra me bater, alguém que fez para eu desistir dos estudos, alguém que fez aquilo tudo”).

Passando o foco da análise, agora, para os fatores influentes na vitimação múltipla, no caso das participantes deste estudo em que esta se verificou, é pertinente dizer que alguns deles, definidos *á priori*, surgiram da investigação analisada sobre o assunto, enquanto outros fatores foram definidos *á posteriori*, baseados nos relatos das participantes.

Começando por analisar os *fatores objetivos* que têm influência no fenómeno da vitimação múltipla destas mulheres, e, dentro destes, os que potenciam o *risco* para tal, verifica-se que, no que respeita a questões socioeconómicas, uma *situação económica precária*

“Tenho que lutar por ter alguma coisa. Este lutar significa mendigar. Porque ando em instituições, ‘olhe, por favor, quero ajuda pra medicação ou quero ajuda pra alimentos ou a roupa’.”, desemprego”; *“É um pouco baixa. Claro, também desempregada, beneficiária do RSI, não pode ser muito alta, não é? Enquanto não arranjar emprego...”*

, ou um *emprego* também ele *precário*

“Não recomendo a ninguém. Vivo de biscates. Ou seja, agora sou taxista, mal paga.”

, colocam estas mulheres numa situação de maior vulnerabilidade para a vitimação a vários níveis. Dos seis casos analisados, em todos eles se verificou esta associação, em diversos sentidos: por dependência financeira dos ofensores, quer seja o cônjuge

“Estou desempregada, estou a viver mediante o que o pai da minha filha me dá, a segurança social não me dá apoio nenhum.”; *“ (...) fora daqui, noutra sítio, simples, equilibrado, com as filhas equilibradas em estudos, que pudessem comer, pudessem ir e vir á escola, e que tivessem um equilíbrio mental”, era o que mais me importava. Se eu estivesse assim, eu não estava casada com ele.”*

, quer sejam familiares ascendentes

“ (...) como é que eu queria que ele parasse com os vícios, para cumprir os meus objetivos? Que era termos uma habitação familiar. Porque eu estive sempre às custas. É assim que eu caracterizo, ele não. Ele explorava a boa vontade dos meus pais.”

; como fazendo parte da própria vitimação – violência económica

“Tinha mês que eu não tinha nem leite pra dar pro meu filho. Porque eu tinha que pagar renda, ainda dar dinheiro pra ele, e era difícil.”

, ou como consequência dela

“Porque eu estava com uma boa pensão, estava com 650 euros do estrangeiro, do meu marido, e com 250 daqui, dá 900 eurinhos que eu tinha por mês, era um bom salário. Acabei por perder muita coisa.”

; e, também, como causa para o envolvimento em situações e contextos abusivos

“Eu estava trabalhando numa casa de alterne, e conheci ele. E eu não queria ficar ali, queria era uma pessoa que...pra sair dali.”

, constituindo fatores que acabam por mantê-las nos contextos abusivos, ou por contribuir para que entrem neles, sem hipóteses de se autonomizarem e escaparem à vitimação. Muitas vezes, a precariedade económica é causada ou acentuada por outros fatores, tais como a *instabilidade residencial*

“Tive que mudar, deixar os estudos, deixar tudo, eu deixei tudo. Deixei o meu apartamento que eu adorava, eu adorava aquele apartamento. Em poucos meses eu acabava o meu curso, e acabava tudo. Tive que abdicar.”

, e a *emigração/imigração*

“Comparando com o ambiente daqui, digamos que eu estaria...não vou dizer paraíso, não é, mas eu estaria assim como que...numas férias, tipo Hawái, outras distâncias tais. E agora aqui é a fase do trabalho, da seriedade.”

, dois fatores que obrigam as mulheres a abdicar de uma série de condições e posses, e as deixam numa situação mais insegura e vulnerável, suscetível de mais vitimação, e o *divórcio*

“Má. Já foi melhor enquanto fui casada. Não tinha que lutar pelo alimento, só pela poupança.”

que, apesar de significar a saída de uma situação abusiva, pode também significar o aumento da vulnerabilidade a outras situações de risco, uma vez que provoca um declínio nas condições económicas, essenciais para a sua estabilidade e segurança numa vida autónoma. Aliados à precariedade económica, a *inexistência de amizades*, por vezes derivada da vitimação

“Podia ser melhor, mais aberta e tudo, mas é dificultada por parte do marido, que tem um ciúme doentio.”;

, outras vezes devido à *emigração/imigração* e *instabilidade residencial*

“Eu no Porto tinha os meus vizinhos, (...) tinha as pessoas que eu conhecia, a minha família toda próxima. Aqui não tenho ninguém. (...) E cá torna-se mais difícil é, portanto, o comunicar com pessoas estranhas”

, e uma *educação e ambiente familiar desfavoráveis*, patentes na transmissão de *papéis tradicionais de género* que concebem a mulher como inferior e legitimam a sua submissão à violência

“Atemorizei, porque fui criada com violência, e esta expressão implicava obediência, e eu perante os meus pais, o respeito que eu tinha por eles, era obediência, á custa disto, não é?”; “E eu, lá está, a minha educação, a mulher tem que estar sempre pronta.”

, e na existência de *más relações familiares*

“É que nem com a minha mãe podia conviver, porque ela em vez de me levantar o moral, mandava-me estar quietinha.”; “Éramos muito unidos mas neste momento estamos assim por causa dessas coisas, cada um vive na sua vida.”; “Com o meu filho (...) sentida. Porque ele não visita a mãe, como eu sinto que ele deveria fazer. Ele chega do trabalho, pousa a mochilinha de trabalho onde vive, portanto, ele abandonou a minha companhia.”

, constituem, também, fatores potenciadores de risco para a vitimação das mulheres nos vários contextos da sua vida. Isto porque é importante perceber que todos estes fatores até agora descritos têm um papel fundamental, nalguns casos, e são consequência direta, noutras casos, de um *suporte social* (família, amigos) e *instrumental* (apoio financeiro) ausentes

“É assim, a minha relação com eles é a nível de internet.”

, inexistentes

“Eu pensava muito comigo mesma porque não tinha o tal leque de amizades, se não eu podia conversar isto com alguém.”

, ou, quando existem, não apoiam devidamente

“Só que, no fundo, a minha mãe às vezes não entende bem, eu tomei esta decisão e vivo muito, luto para a manter firme. E...portanto minha relação com eles, o que mais me afeta é a minha mãe dizer-me isso.”

, algo que é facilmente inferido dos auto-relatos das participantes, e que atua como base da vulnerabilidade experienciada por estas mulheres. Para além dos fatores já descritos, *problemas de saúde física e mental* também surgiram como fatores potenciadores de risco para a manutenção das mulheres em situações abusivas, desprovendo-as das condições necessárias para reagir às adversidades

“Que me deem soluções, porque eu ando tão tapada, tão na depressão, tão obsessiva. Que é um ciclo vicioso: não consigo sair daqui, e eu não quero sair daqui, ou eu quero sair daqui mas não consigo.”

, e, muitas vezes, fazendo-as depender dos agressores

“E eu estava muito a depender dele. A verdade é uma, era ele já que me lavava, era ele já que me calçava, as meias, os sapatos, porque eu não me podia aninhar a nada, eu estava uma botija autêntica.”

, impedindo, mais uma vez, a escapatória de um ciclo de vitimação. Além destes, um fator de extrema importância e presença considerável no discurso das participantes engloba as *estratégias de confronto* utilizadas pelas mesmas que, não sendo as mais favoráveis, acabam por prejudicá-las, mantendo-as num mesmo *script* de vida pautado por diferentes experiências de vitimação. Estas *estratégias de confronto*

desfavoráveis apresentam-se, nos relatos analisados, em dois formatos: *reativas*, quando as atitudes que tomam para reagir às situações têm efeitos negativos para si

“Fui obrigada a dizer ‘não, despeço-me, eu vou receber pelo desemprego. Este trabalho é bom, mas como também ando aqui contrariada, não era esta a tarefa que eu queria cumprir, (...) Vou pro desemprego.’”; “Foi a partir da altura que eu dei o basta, não o agredi a ele, mas a intenção era. Foi quando eu golpeei a roupa. Foi quando eu lhe fechei a porta. Foi quando chamaram a polícia à conta disso.”; “Também andava ali manipulada por ele. (...) mandava-me avançar, mandava parar, e eu então cheguei a um momento que, pronto, achei que agora com este agora vou casar, (...), e eu avancei.”

, e *passivas*, quando se conformam com as situações abusivas, sem reação

“Eu não podia fazer nada...eu só tinha que dar-lhe de comer, limpar-lhe...e às vezes ir vomitar pra casa-de-banho...”; *“E eu calei-me, não disse mais nada.”*

Passando a análise para os *fatores protetores* da vitimação múltipla, ainda dentro dos *fatores objetivos* que têm influência neste fenómeno, estes são exatamente o oposto dos analisados até agora. Dos relatos das participantes que não reportaram vitimação múltipla, percebeu-se que a estabilidade residencial, a disponibilidade de redes de suporte formal e informal e um ambiente familiar adequado constituem fatores presentes nos seus itinerários de vida.

“É a terra onde nós nascemos, onde crescemos, onde somos...temos tudo, claro que é sempre bom.”

“Eu na segunda-feira fui logo à casa de Barcelos. E falamos, e ela disse ‘pronto, a senhora não vai mais pra casa’. Fiquei numa pensão, de segunda pra terça, na terça elas acolheram-me de terça pra quarta, na quarta fui encaminhada pr’aquí.”

“Depois tenho é amigos, e os colegas de trabalho, porque sempre trabalhei aqui, e pronto, tenho uma rede alargada, porque somos muitos não é, e há uma grande proximidade.”; “Eu tive uma rede de pessoas amigas a ajudar-me, e foram lá a casa, tiraram tudo. Tive quem me ajudasse e me apoiasse muito”

“Eu tive uma infância boa, por causa que meus pais sempre me educaram bem. E eu nunca tinha visto essas coisas na minha família, o meu pai a bater na minha mãe, nunca presenciei.”; “Tenho uma relação boa com os meus irmãos, falamos todos. Até que estamos todos no mesmo centro, as nossas casas é tudo assim tatata.”; “Ainda hoje, o meu pai até tem mais 11 anos que a minha mãe, mas é uma pessoa muito educada, muito atenciosa com ela, fora de série!”;

Estes constituem fatores que providenciam às mulheres um suporte social e instrumental presente e eficiente, assim como uma situação socioeconómica mais estável, oferecendo-lhe condições de segurança para reagir às adversidades, evitando o enredar em mais e maior vitimação. Aliada a todos estes fatores, a adoção de *estratégias de confronto favoráveis*, que podem constituir uma *reação* por parte da mulher que atue em seu favor, ou uma atitude *passiva* que lhe providencie segurança e atue em seu benefício, nos casos analisados, constituíram comportamentos que impediram que estas mulheres se envolvessem em mais situações abusivas, ou que conseguissem escapar das situações de vitimação, e mudar o rumo tendencioso que caracteriza o fenómeno da vitimação múltipla:

“E um dia eu sentei-me e disse: estão a acusar-me de algo que eu sou inocente, estão-me pressionando, e querem que eu diga quem foi; olhe, não sou eu, e eu provei com as minhas capacidades que eu consigo trabalhar na caixa, consigo trabalhar na rede de contabilidade, na rede isto, nada, eu não defraudei ninguém nem destruí nada daqui. Então confiam em mim ou não confiam em mim?”; “Foi interiorizar em mim a decisão firme, pra nunca vacilar, e interiorizar pra dizer assim ‘não, eu vou ter que ser forte’. Não foi assim indecisa, tava firme, eu sabia o que queria.”

“Eu fui pra sala de aula e estive sempre lá normal. Depois ela regressou e de vez enquanto arrastava a cadeira e olhava assim pra mim e tal, e eu normal. Porque não podia mostrar que tinha medo, eu tava ali com medo, mas não podia mostrar.”

No que se refere aos *fatores subjetivos* implicados na vitimação múltipla destas mulheres, constatou-se que os significados que as participantes atribuem às experiências por que passaram/passam podem ter um papel fundamental quer na sua manutenção nas situações de vitimação, quer no envolvimento em mais situações abusivas, noutros contextos, quer, por outro lado, no escapar desse enredo de vitimação e revitimação. Dentro da significação, considerou-se as *atribuições causais*, ou seja, as razões definidas pelas participantes para aquilo que lhes aconteceu, segundo a sua perceção, como um fator que pode potenciar o risco para a vitimação múltipla, assim como pode atuar como protetor da mesma. O risco parece encontra-se em atribuições causais *internas*, que focam a causa dos acontecimentos em características pessoais ou atitudes levadas a cabo pelas próprias mulheres,

“A culpa foi minha, que eu fui avisada. E falhei, foi uma falha, não fui inteligente.”; “Teve a ver precisamente com a minha falta, vá lá, de convivência. A minha carência relacional.”; “Se calhar eu até era capaz de ceder, com mais facilidade. Se calhar tinha determinadas fragilidades que me levaram a tornar-me vítima, se calhar...”

e *estáveis*, que não são passíveis de alteração

“Por muita coisa que eu queira meter a mim própria ‘eu isto posso mudar!’, há coisas que já não dá pra mudar. Tá, é uma espécie de ferro de marca, não é? Nós mudamos ao longo da vida de pele, uma tatuagem é uma tatuagem. Pode disfarçar com o tempo. Não se tira se não for intervencionado fisicamente. É o que se passa comigo.”; “A minha pouca sorte até aí se manifesta. Aliás, está desde a nascença.”

Em conjunto, compõem um *Locus de Controlo Interno*, inculcando, nas mulheres vítimas, uma visão das situações como irremediáveis e das suas causas como sendo inerentes a si, gerando nelas sentimentos de Auto culpabilização. Deste modo, assiste-se, em alguns casos, a um *desamparo aprendido*

“Culpar a mim, eu devia culpar-me, mas arranjava sempre a desculpa ‘não consigo ter força’, e depois questionava-me ‘porquê?’, e a resposta era sempre a mesma: ando desmotivada, essa desmotivação já vem de trás, não encontro onde ir buscar força.”; “Nessa altura eu era otimista, eu vou arranjar outro. Agora não, não acredito, de todo, limito-me a sobreviver.”

, uma vez que estas mulheres se acomodam, e quase de “habituação” à adversidade, que acabam por assumir um papel de *vítima*

“Porque eu sou muito emocional, muito reactiva. Tem a ver com as más experiências da vida. Não suporto, fui muito recalcada na vida e agora não suporto.”

que lhes limita uma perceção alternativa da realidade, e as mantém, constantemente, presas num mesmo guião de vida. Já *atribuições causais externas*

“Situações eu acho que deve acontecer com todos. Por um motivo ou por outro, não necessariamente por achar que é inferior.”; “A única explicação que tenho: ela sentir-se inferiorizada pela forma como eu me expressei. Sentiu-se rebaixada, inferiorizada. Foi ofensivo pra ela.”

, e *instáveis*

“E pronto, não sei se foi alguma crise de ciúmes que ela tinha de mim, não sei. Deve ter sido...”

, componentes de um *Locus de Controlo Externo* que concebe a realidade como alterável, e as causas desta como devidas a fatores externos ao indivíduo, providenciam às mulheres a recuperação de um *sentido de mestria e crenças de eficácia*

“Agora tou mais decidida, eu quero isso e vou lutar por isso e vou conseguir isso.” ; “No fundo, ele apesar de ter uma obsessão por mim, e ainda não a ter perdido, segue o meu rasto...apesar disso, sinto uma vitória sobre ele, que é: mesmo assim eu não vou pra casa, estou liberta, não tenho nada que é teu, nem tive direito a nada.”

, devolvendo-lhes a capacidade de reagir a situações de vida adversas, e de aderir a atitudes que criam mudança.

Ainda dentro da *significação*, as *crenças culturais* que muitas destas mulheres mantêm podem, também, constituir um fator importante na sua manutenção em situações abusivas. Nos casos analisados, essa associação é mediada, por vezes, pela *legitimação/desvalorização do uso da violência*, irrelevando a vitimação de que são alvo, o que leva à sua continuidade

“Eu já estava habituada, era a mais velha, meia volta levava uma bofetada, (...). Pronto, o meu pai tinha essas coisas às vezes assim.”; “Eu quando ele começou ali a ser agressivo, eu levei em conta que fosse cansaço. Digo assim ‘bem, está cansado, valha-me Deus, põe-se a pé às 3h da manhã vai trabalhar, normal que está cansado’.”; “Eu sempre encobria, que era ele a brincar.”

, ou por *crenças religiosas*, que, normalmente, transmitem a noção de que as coisas são irremediáveis e que nada há a fazer

“Porque Deus me fez sofrer tanto. Preferia que Deus cuidasse de mim enquanto criança.”).

Por fim, o fator *impacto* engloba as percepções das participantes acerca daquilo que mudou em si e na sua vida devido às experiências de vitimação por que passaram, nomeadamente, *na sua forma de agir/relacionar-se*, que por vezes é positivo

“Eu quero apostar em mim, neste momento eu procuro-me a mim própria.”; “Há dias que estou mais triste, e fico por aí, desisto, dou meia volta e vou embora. Mas há dias que não me fico, a mim essas coisas não me vencem.”; “A pessoa agir, sei lá, com o passar dos acontecimentos, há coisas sim que nos fazem...se uma pessoa não está tão preparada, tem que se tentar preparar, ainda que não queira, tem.”

, e outras negativo

“Foi todo este tipo de violência que me fez ser o que sou, é a pessoa que sou hoje, eu não era isto.”; “Tornaram-me mais insensível.”; “Com a minha família, principalmente. Porque eu fiz tudo em segredo, eu passei-lhe aquele terreno em segredo, sem dar a conhecer nada à família, não é? Eu casei-me em segredo, sem dizer nada a ninguém.”

, e na forma como vê o mundo/as relações com os outros, abrangendo, também, consequências positivas

“É assim, eu agora tenho sempre cuidado, não é? Eu dantes deixava tudo, não tinha medo nenhum, e andava...Agora já vou sempre com um pé atrás.”; E como nunca tive nada eu habituei-me a olhar pros outros para ver que afinal tinha tudo. Eu pensava assim ‘olha, tenho dois filhos maravilhosos, que nunca me deram desgosto, tenho saúde, tenho um emprego, (...) eu vivo com o mínimo de dignidade, com o mínimo de conforto, tenho tudo’. E eu vejo pessoas às vezes, (...) os filhos com deficiências profundas, (...), e eu sempre tentei desvalorizar a minha realidade em comparação com a dos outros.”

, e negativas

“Foi de vez, aquele e nenhum outro, pra mim nenhum, porque o mundo que estamos a viver realmente não...há homens bons, há, mas o mundo tá tão emporcalhado que são poucos os homens bons, poucos.”.

DISCUSSÃO

No presente estudo, foi possível constatar, ainda que numa pequena amostra, e com pouco poder representativo, a diferença entre aquilo a que podemos chamar vitimação "simples" e a vitimação múltipla, sendo que esta última distingue-se da primeira, não por constituir um somatório de várias "vitimações simples", mas por englobar uma série de experiências de vitimação que podem interagir entre si, quer numa lógica de acúmulo, em que se verifica um aumento progressivo da vulnerabilidade das mulheres pela acumulação de exposições a situações de risco, quer numa lógica de interseccionalidade, em que esses potenciais de risco interagem entre si, na construção da tendência daquelas mulheres para a vitimação a vários níveis. Para além disso, merece relevo o facto de, nesta amostra, seis em oito participantes relataram histórias de vitimação múltipla, verificando-se uma tendência proporcionalmente forte para que estas mulheres sejam vitimizadas a outros níveis, para além do contexto conjugal. No entanto, esta investigação, mais uma vez limitada na sua amostra de apenas oito mulheres, não é capaz de clarificar, por si só, qual a tendência exata das mulheres vítimas de violência conjugal para a vitimação múltipla, de resto como toda a investigação que tem sido feita sobre esta problemática. Isto porque não é suficiente para estabelecer um *perfil* exato de características pessoais e fatores influentes que nos permita conhecer completamente este fenómeno, uma vez que a forma como se desenvolve a vitimação múltipla na vida das participantes e a associação entre os fatores influentes difere de caso para caso, sendo poucos aqueles que, nesta amostra, coincidem numa única direção. Daí a necessidade sentida em distinguir o tipo de vitimação múltipla, entre o diacrónico e o sincrónico, precisamente devido aos diferentes mecanismos e processos que podem distinguir estas duas formas de vitimação múltipla, tal como se verificou nos dados obtidos, em que, entre as oito mulheres com histórias de vitimação múltipla, se verificou uma tendência diacrónica em todas elas, sendo que, nalguns casos, essa tendência fazia-se acompanhar, em determinados momentos da vida das mulheres, por situações de vitimação múltipla sincrónica. O presente estudo constitui, então apenas um pequeno contributo para que se conheça melhor essa realidade, servindo de base para que outros estudos, maiores, com amostras mais representativas, o tentem fazer de forma mais abrangente.

Contudo, há outros dados obtidos neste estudo que merecem atenção na prática de prevenção e intervenção com mulheres vítimas. O facto de mais de metade das participantes ter relatado vitimação na infância, em contexto familiar, vai ao encontro dos resultados de um largo corpo de investigação na área (Wenzel, Tucker, Elliott, Marshall, & Williamson, 2004), que considera a vitimação na infância o preditor mais forte e consistente da vitimação posterior noutros contextos da vida das mulheres que dela foram alvo, revelando sérias e urgentes implicações para o trabalho de prevenção e intervenção nesta área. Outros fatores individuais salientes no relato das participantes, tais como a adoção de estratégias de confronto desfavoráveis como forma de lidar com as adversidades, que acabam por, muitas vezes,

constituir fatores de perpetuação ou agravamento das mesmas, merecem especial atenção na ponderação dos pontos-chave a ter em conta na intervenção com esta população de mulheres. Para além disso, e mais uma vez, a proporção substancial de mulheres que, neste estudo, reportaram histórias de vitimação múltipla, começando por crimes perpetrados na infância e estendendo-se pela sua vida adulta, salienta a importância de tornar rotineiro o acesso a histórias de vitimação múltipla no contacto com mulheres vítimas em contexto de intervenção, uma vez que, muitas vezes, a ocorrência e os efeitos da experiência de vitimação num determinado contexto podem camuflar a existência de outras experiências de vitimação, a outros níveis. Assim, salienta-se a necessidade de atentar nas histórias de vitimação múltipla como um tópico importante no campo da violência interpessoal, e na necessidade de aceder à saúde das mulheres em termos gerais, interligando a severidade das experiências traumáticas não só dentro de uma dimensão da vida das mulheres, mas também noutros indicadores de comprometimento funcional (Linares, 2004), tais como a sua situação socioeconómica, a existência ou não de suporte social, e a significação que elaboram das suas experiências, de forma a identificar, cabalmente, as necessidades das vítimas.

Através do contacto com as narrativas destas mulheres, verificou-se que a vulnerabilidade que as coloca em risco para a vitimação múltipla pode, de facto, advir de fatores factuais, incontornáveis por si, tais como a sua situação socioeconómica ou a educação de que foram alvo, mas é, acima de tudo, altamente determinada pela leitura que as próprias mulheres fazem dos acontecimentos de vida a que estão sujeitas. É certo que essa leitura é moldada por fatores determinantes, vindos do contexto familiar onde cresceram e das experiências anteriores por que passaram, mas é evidente, nas narrativas destas mulheres, um fator que marca a diferença nas escolhas que fazem e no caminho de vida por que optam seguir: a *Agência/Resiliência*, como capacidade de criar mudança, tal como sugeriu Samuels-Dennis et al. (2010), através da atribuição de significado às suas circunstâncias de vida, fazendo escolhas significativas e favoráveis a um percurso alternativo à vitimação. Na presente investigação, verificamos casos em que este fator se manifestou nos discursos das mulheres, constatando-se a mudança efetiva na sua forma de agir e de se relacionarem, devido às aprendizagens que fizeram com as experiências adversas por que passaram, acabando por transpor essas aprendizagens para a prática de uma atitude inovadora, tendo em conta o seu percurso de vida. Noutros casos, a desregulação emocional parece preceder inúmeros fatores de risco, dando condições para uma maior vulnerabilidade (Messman-Moore, Walsh, & DiLillo, 2010), verificando-se uma clara acomodação a um *papel de vítima*, através de uma exposição repetida à não contingência entre as respostas que elaboram e os resultados que obtêm (Seligman, 1975, citado por Orava, McLeod, & Sharpe, 1996), constatando-se, aqui, um efeito relativo de profecias que se Auto cumprem (Willard, Madon, Gyll, Spoth, & Jussim, 2008). Neste sentido, a sugestão de Das (2007, citado por Walklate, 2011), de que “ser vulnerável não é o mesmo que ser uma vítima” ganha relevo nos dados obtidos no presente estudo, constatando-se que há uma parte da *vulnerabilidade* que é construída por

significados pessoais das mulheres, conferindo a este conceito um carácter menos determinista, e suscetível de mudança.

Tal como defende Collins (1998), “o estatuto de vítima não pode nunca tornar-se um modo de vida” (p. 928) para mulheres que sofrem violência (citado por Sokoloff & Dupont, 2006), e é neste sentido que a investigação na área deve contribuir para a prática com esta população, tentando impedir, na medida do possível, o enredo de vitimação e mais vitimação que, muitas vezes, se desenvolve na vida das mulheres vítimas de violência conjugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Banyard, V. L., Williams, L. M., Saunders, B. E., & Fitzgerald, M. M. (2008). The Complexity of Trauma Types in the Lives of Women in Families referred for Family Violence: Multiple Mediators of Mental Health. *American Journal of Orthopsychiatry*, 78 (4), 394-404. doi: 10.1037/a0014314
- Bograd, M. (2006). Strengthening Domestic Violence Theories: Intersections of Race, Class, Sexual Orientation, and Gender. In Sokoloff, N. J. & Pratt, C. (Eds.). *Domestic violence at the margins* (pp. 25-38). New Brunswick: Rutgers University Press.
- Coid, J., Petruckevitch, A., Feder, G., Chung, W., Richardson, J., & Moorey, S. (2001). Relation between childhood sexual and physical abuse and risk of revictimization in women: a cross-sectional survey. *The Lancet*, 358, 450-454.
- Coll, C. G., & Magnuson, K. (2000). Cultural Differences as Sources of Developmental Vulnerabilities and Resources. In J. Shonkoff, & S. Meisels (Eds.), *Handbook of Early Childhood Intervention* (pp. 94-114). Cambridge: Cambridge University Press.
- Correia, M. F. B. (2003). A constituição social da mente: (re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 505-513.
- Daigneault, I., Hébert, M., & McDuff, P. (2009). Men's and women's childhood sexual abuse and victimization in adult partner relationships: A study of risk factors. *Child Abuse and Neglect*, 33, 638-647. doi:10.1016/j.chiabu.2009.04.003
- Draucker, C. B. (1997). Early Family Life and Victimization in the Lives of Women. *Nursing and Health*, 20, 399-412.
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (2), 123-131.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussão sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14 (28), 139-152.
- Gonçalves, O. F., & Machado, P. P. P. (1999). Cognitive Narrative Psychotherapy: Research Foundations. *Journal of Clinical Psychology*, 55 (10), 1179-1191.
- Josephson, J. (2006). The Intersectionality of Domestic Violence and Welfare in the Lives of Poor Women. In Sokoloff, N. J. & Pratt, C. (Eds.). *Domestic violence at the margins* (pp. 83-101). New Brunswick: Rutgers University Press.
- Kennedy, A. C. (2007). An Ecological Approach to Examining Cumulative Violence Exposure among Urban, African American Adolescents. *Child and Adolescence Social Work Journal*, 25, 25-41. doi:10.1007/s10560-007-0110-0

- Liem, J. H. & Boudewyn, A. C. (1999). Contextualizing the effects of Childhood Sexual Abuse on Adult Self- and Social Functioning: an Attachment Theory Perspective. *Child Abuse and Neglect*, 23 (11), 1141-1157.
- Linares, L. O. (2004). Social Connection to Neighbours, Multiple Victimization, and Current Health among Women residing in High Crime Neighbourhoods. *Journal of Family Violence*, 19 (6), 355-366. doi: 10.1007/s10896-004-0680-y
- Machado, C., & Dias, A. R. (2010). Abordagens culturais à vitimação: O caso da violência conjugal. In Machado, C. (Eds.), *Vitimologia: Das novas abordagens teóricas às novas práticas de intervenção* (pp. 13-44). Psiquilíbrios Edições.
- Messman-Moore, T. L., Walsh, K. L., & DiLillo, D. (2010). Emotion dysregulation and risky sexual behaviour in revictimization. *Child Abuse and Neglect*, 34, 967-976. doi:10.1016/j.chiabu.2010.06.004
- Olsen, J. P., Parra, G. R., & Bennet, S. A. (2010). Predicting violence in romantic relationships during adolescence and emerging adulthood: A critical review of the mechanisms by which familial and peer influences operate. *Clinical Psychology Review*, 30, 411-422. doi:10.1016/j.cpr.2010.02.002
- Orava, T. A., McLeod, P. J., & Sharpe, D. (1996). Perceptions of Control, Depressive Symptomatology, and Self-esteem of Women in Transition from Abusive Relationships. *Journal of Family Violence*, 11 (2), 167-185.
- Renner, L. M., & Whitney, S. D. (2009). Examining Symmetry in Intimate Partner Violence among Young Adults using Socio-demographic Characteristics. *Journal of Family Violence*, 25, 91-106. doi: 10.1007/s10896-009-9273-0
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Chávez-Ayala, R., & Ávila-Burgos, L. (2006). Abuso físico y sexual durante la niñez y revictimización de las mujeres mexicanas durante la edad adulta. *Salud Pública de México*, 48, 268-278.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (Eds.) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Gravidia.
- Salces, C. D. (2005). A Verossimilhança na Narrativa: uma questão de coerência. *Conteúdo*, 93-104.
- Samuels-Dennis, J. A., Ford-Gilboe, M., Wilk, P., Avison, W. R., & Ray, S. (2010). Cumulative Trauma, Personal and Social Resources, and Post-traumatic Stress Symptoms among Income-assisted Single Mothers. *Journal of Family Violence*, 25, 603-617.
- Sokoloff, N. J., & Dupont, I. (2006). Domestic Violence: Examining the Intersections of Race, Class, and Gender – An Introduction. In Sokoloff, N. J. & Pratt, C. (Eds.). *Domestic violence at the margins* (pp. 1-13). New Brunswick: Rutgers University Press.

- Stueve, A., & O'Donnell, L. (2008). Urban Young Women's Experiences of Discrimination and Community Violence and Intimate Partner Violence. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 85 (3), 386-401. doi:10.1007/s11524-008-9265-z
- Sugarman, D. B., & Frankel, S. L. (1996). Patriarchal Ideology and Wife-Assault: A Meta-analytic Review. *Journal of Family Violence*, 11 (1), 13-39.
- Turney, K., & Harknett, K. (2010) Neighbourhood Disadvantage, Residential Stability, and Perceptions of Instrumental Support among New Mothers. *Journal of Family Issues*, 31, 499-524.
- Vala, J. (1989). A Análise de Conteúdo. In Silva, A. S., & Pinto, J. M., *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Edições Afrontamento.
- Vidales, G. T. (2010). Arrested Justice: The Multifaceted Plight of Immigrant Latinas who faced Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 25, 533-544.
- Walklate, S. (2011). Reframing criminal victimization: Finding a place for vulnerability and resilience. *Theoretical Criminology*, 1-16.
- Wenzel, S. L., Tucker, J.S., Elliott, M. N., Marshall, G. N., & Williamson, S. L. (2004). Physical Violence against Impoverished Women: a Longitudinal Analysis of Risk and Protective Factors. *Women's Health Issues*, 14, 144-154. doi:10.1016/j.whi.2004.06.001
- Willard, J., Madon, S., Gyll, M., Spoth, R., & Jussim, L. (2008). Self-efficacy as a moderator of negative and positive self-fulfilling prophecy effects: Mothers' beliefs and children's alcohol use. *European Journal of Social Psychology*, 38, 499-520. doi: 10.1002/ejsp.429
- Young, B. J. & Furman, W. (2007). Interpersonal Factors in the Risk for Sexual Victimization and its Recurrence during Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 297-309. doi: 10.1007/s10964-007-9240-0
- Zielinski, D. S. (2009). Child maltreatment and adult socioeconomic well-being. *Child Abuse and Neglect*, 33, 666-678. doi:10.1016/j.chiabu.2009.09.001

ANEXOS

45

Guião da Entrevista

Pré-entrevista: Esta entrevista insere-se num projecto de investigação de mestrado que pretende compreender a ocorrência de diferentes experiências adversas na vida de mulheres que também experienciaram vitimação a nível conjugal. Para isso, vou colocar-lhe algumas questões sobre si e sobre as experiências por que passou na sua vida. Tudo o que me disser é confidencial, ficará apenas comigo, e será utilizado apenas para efeitos da investigação, sendo que o seu nome não será nunca divulgado. Gostaria de acordar consigo a gravação em áudio da entrevista, para que eu possa ter sempre acesso à informação que me fornecer aquando da análise dos dados.

Questões Demográficas: Idade; Escolaridade; Profissão; Estado Civil

Questões Factuais

- Qual é a sua naturalidade?
 - Permanece no mesmo meio até hoje?
 - (Se sim) Como caracteriza o meio onde vive?
 - (Se não) Quanto tempo permaneceu no mesmo meio? (Porque mudou de meio?; Quantas vezes mudou de meio?; Como caracteriza o meio onde vivia antes?)
- Como caracteriza a sua situação social e económica?
 - Pode explicar-me se sempre foi assim ao longo da sua vida?
 - (Se não) Como era antes? (E como passou a ser como é actualmente?)
- Recebe algum tipo de assistência social actualmente?
 - (Se sim) De que tipo? Por que razão?
 - (Se não) Alguma vez recebeu ao longo da sua vida? (De que tipo? Por que razão?)
- Saúde física e mental
 - Pode-me falar acerca do seu estado de saúde actual?
 - E do seu historial de saúde?
- Consome álcool ou algum tipo de substâncias ilícitas?
 - (Se sim) De que tipo? Com que frequência?
 - Sente que isso tem consequências nas diversas áreas da sua vida? (Em que situações?; De que maneira?)
- Como é constituída a sua família?
 - Como descreve o seu pai e a sua mãe?
 - Tem irmãos? Quantos? Como os descreve?
 - Mora com alguém da sua família, ou perto de algum familiar?
 - Tem filhos? Quantos? Como é a sua relação com eles?
- Tem amigos? Como os descreve?

Questões acerca de experiências de Vitimação

Relações Familiares

- Como é a sua relação com a sua família? Sempre foi assim?
- Na sua família, alguma vez foi alvo de...? E alguma vez testemunhou...?
- Pode-me contar o que aconteceu? O primeiro episódio? O último? O mais grave?
 - (Detalhar a sequência interactiva de cada episódio)
- Mais alguém estava presente? Mais alguém interveio nessa situação? Quem? Como? O que fez?
- O que aconteceu a seguir? Nas semanas seguintes? Ao longo do tempo?
- O que fez para lidar com a situação?
- Teve apoio de alguém?
- Como é que essa situação acabou (se for o caso)?
- Como é que se ficou a sentir depois de isso lhe ter acontecido, logo a seguir...?

- Como se ficou a sentir fisicamente?
- Quais foram os seus pensamentos?
- O que sentiu em termos emocionais?
- E nas semanas e meses seguintes, como é que se sentiu (fisicamente, pensamentos, emoções)?
- Pensa que teve consequências noutros contextos da sua vida? Noutras relações?
- Porque acha que isso lhe aconteceu/acometeu na sua família?

Relações com pares

- Como é a sua relação com os seus amigos/colegas? Sempre foi assim?
- Durante a sua vida, na relação com os seus amigos/colegas, alguma vez foi alvo de...?
- Pode-me contar o que aconteceu? O primeiro episódio? O último? O mais grave? (Detalhar a sequência interactiva de cada episódio)
- Mais alguém estava presente? Mais alguém interveio nessa situação? Quem? Como? O que fez?
- O que aconteceu a seguir? Nas semanas seguintes? Ao longo do tempo?
- O que fez para lidar com a situação?
- Teve apoio de alguém?
- Como é que essa situação acabou (se for o caso)?
- Como é que se ficou a sentir depois de isso lhe ter acontecido, logo a seguir...?
 - Como se ficou a sentir fisicamente?
 - Quais foram os seus pensamentos?
 - O que sentiu em termos emocionais?
- E nas semanas e meses seguintes, como é que se sentiu (fisicamente, pensamentos, emoções)?
- Pensa que teve consequências noutros contextos da sua vida? Noutras relações?
- Porque acha que isso lhe aconteceu?

Relações de Intimidade

Disse-me que, actualmente, o seu Estado Civil é X.

(Se é casada) Já foi casada quantas vezes? Por quanto tempo?

(Se não é casada) Já alguma vez foi casada ou teve uma relação de coabitação com alguém?

Quantas vezes? Por quanto tempo?

- Pode-me falar das suas relações amorosas?
 - Para cada uma: Como se desenvolveu a relação? Como caracteriza o seu parceiro?
- Durante as suas relações amorosas (namoro/casamento/união de facto), alguma vez foi alvo de...?
- Pode-me contar o que aconteceu? O primeiro episódio? O último? O mais grave? (Detalhar a sequência interactiva de cada episódio)
- Mais alguém estava presente? Mais alguém interveio nessa situação? Quem? Como? O que fez?
- O que aconteceu a seguir? Nas semanas seguintes? Ao longo do tempo?
- O que fez para lidar com a situação?
- Teve apoio de alguém?
- Como é que essa situação acabou (se for o caso)?
- Como é que se ficou a sentir depois de isso lhe ter acontecido, logo a seguir...?
 - Como se ficou a sentir fisicamente?
 - Quais foram os seus pensamentos?
 - O que sentiu em termos emocionais?
- E nas semanas e meses seguintes, como é que se sentiu (fisicamente, pensamentos, emoções)?
- Pensa que teve consequências noutros contextos da sua vida? Noutras relações?
- Porque acha que isso lhe aconteceu?

Profissional

- Como caracteriza a sua situação profissional actual? E como a caracteriza ao longo da sua vida adulta?
- No seu meio laboral, alguma vez foi alvo de...?

- Pode-me contar o que aconteceu? O primeiro episódio? O último? O mais grave? (Detalhar a sequência interactiva de cada episódio)
- Mais alguém estava presente? Mais alguém interveio nessa situação? Quem? Como? O que fez?
- O que aconteceu a seguir? Nas semanas seguintes? Ao longo do tempo?
- O que fez para lidar com a situação?
- Teve apoio de alguém?
- Como é que essa situação acabou (se for o caso)?
- Como é que se ficou a sentir depois de isso lhe ter acontecido, logo a seguir...?
 - Como se ficou a sentir fisicamente?
 - Quais foram os seus pensamentos?
 - O que sentiu em termos emocionais?
- E nas semanas e meses seguintes, como é que se sentiu (fisicamente, pensamentos, emoções)?
- Pensa que teve consequências noutras situações da sua vida? Noutras relações?
- Porque acha que isso lhe aconteceu?

Discriminação

- Ao longo da sua vida, alguma vez foi alvo, ou se sentiu alvo de discriminação/exclusão/injustiça?
- Pode-me contar o que aconteceu? O primeiro episódio? O último? O mais grave? (Detalhar a sequência interactiva de cada episódio)
- Mais alguém estava presente? Mais alguém interveio nessa situação? Quem? Como? O que fez?
- O que aconteceu a seguir? Nas semanas seguintes? Ao longo do tempo?
- O que fez para lidar com a situação?
- Teve apoio de alguém?
- Como é que essa situação acabou (se for o caso)?
- Como é que se ficou a sentir depois de isso lhe ter acontecido, logo a seguir...?
 - Como se ficou a sentir fisicamente?
 - Quais foram os seus pensamentos?
 - O que sentiu em termos emocionais?
- E nas semanas e meses seguintes, como é que se sentiu (fisicamente, pensamentos, emoções)?
- Pensa que teve consequências noutras situações da sua vida? Noutras relações?
- Porque acha que isso lhe aconteceu?

Impacto da vitimação múltipla

- Esses acontecimentos mudaram alguma coisa na sua forma de agir, de se comportar?
- Mudaram alguma coisa nas suas relações com as outras pessoas?
- Mudaram alguma coisa na sua forma de pensar sobre o mundo?
- Mudaram alguma coisa na sua forma de se sentir ou pensar sobre si próprio?
- Ainda pensa nisso? O que costuma pensar/sentir sobre isso?
- Actualmente, e de forma global, qual diria que foi o impacto que estes problemas tiveram na sua vida? Que coisas na sua vida poderiam ter sido diferentes se não tivesse passado por isto?

Significação

- Como é que hoje vê essas experiências por que passou/passa? É diferente a forma como entendia e sentia o problema na altura em que aconteceu da forma como o entende e sente agora?
- O que significa para si ter sido/ser sujeita a...? /Ter sido/ser vítima de...?
- O facto de ter sido/ser sujeita a/ter sido vítima de... significa alguma coisa sobre si?
- Se hoje quisesse dar uma mensagem às pessoas que passaram/passam pelas mesmas experiências que a senhora, o que diria?

GRELHA DE CATEGORIAS

| Categorias | | Subcategorias | | |
|---|---|--|--|-------------------------------|
| Tipo de Vitimação Múltipla | V. M. Diacrónica | A nível familiar | | |
| | | Na relação com pares | | |
| | | A nível conjugal | | |
| | | A nível profissional | | |
| | | A nível estrutural/social | | |
| | V. M. Sincrónica | A nível conjugal e familiar | | |
| | | A nível conjugal e da relação com pares | | |
| | | A nível conjugal e profissional | | |
| A nível conjugal e estrutural/social | | | | |
| Factores influentes na Vitimação Múltipla | Objectivos | de Risco | Instabilidade residencial | |
| | | | Emigração/Imigração | |
| | | | Precariedade económica | |
| | | | Emprego precário/Desemprego | |
| | | | Inexistência de amizades | |
| | | | Problemas de saúde | Física |
| | | | | Mental |
| | | | Divórcio | |
| | | | Educação e ambiente familiar desfavoráveis | Papéis tradicionais de género |
| | | | | Más relações familiares |
| | | Estratégias de Confronto Desfavoráveis | Reactivas | |
| | | | Passivas | |
| | | de Proteção | Estabilidade residencial | |
| | | | Assistência social | |
| | Existência de amizades | | | |
| | Educação e ambiente familiar favoráveis | | Trasmissão de bons exemplos de conduta | |
| | | | Boas relações familiares | |
| | Estratégias de confronto favoráveis | | Reactivas | |
| | | | Passivas | |
| | Subjectivos | | Significação | Atribuições Causais |
| Externas | | | | |
| Estáveis | | | | |
| Instáveis | | | | |
| Crenças Culturais | | Legitimação/desvalorização do uso da violência | | |
| | | Religiosas | | |
| Impacto | | Na sua forma de agir/relacionar-se | | |
| | | Na forma como vê o mundo/as relações com os outros | | |